PREÇO 1$000.

ANNO V
NUMERO 233

# Para todos...

# Questionario

*Toda a correspondencia para esta secção deve ser dirigida a OPERADOR — 164 Ouvidor — Rio de Janeiro.*

*Devido á formidavel affluencia de cartas para esta secção, muitos aguardam a resposta por semanas e mezes até; pedimos por isso excusas aos nossos leitores, e ao mesmo tempo lhes solicitamos a attenção para a lista de endereços de artistas que mensalmente publicâmos; isso lhes evitará muita vez o trabalho de escreverem pedindo informações que nella encontram e a nós um trabalho excusado de compulsar catalogos para os satisfazermos. Mais: abreviará o praso das respostas. No caso de pedido de informes sobre films devem vir sempre que possivel os titulos. Essa nossa exigencia é motivada pelo facto de muitas vezes os films aqui exhibidos com um titulo passarem com outros nos Estados.*

---

JACK BIRCK (Curityba) — 1º — Escreva á gerencia que os obterá. 2º — Mentira, mentira, tudo uma grande mentira, "seu" Jack, você ainda acredita nestas cousas? 3º — Escreva algumas linhas ao redactor daquella secção, mas não á machina, por causa do frio...

AMERICANO (Rio) — Perdão, amigo, a sua carta não serve.

ROSA (Victoria) — Sim, senhorinha, casado com esta mesma. O outro solteiro ainda...

CERVIS e 62 (Rio) — Oh! meu Deus! E' tudo uma grande *blague*, vocês não desconfiaram? Publicámos, sim; veja a Chronica do n. 231.

PRINCIPE (São Paulo) — O que nos enviou não serve. E ainda vamos ter o trabalho de lhe devolver a photographia? Faz questão?

ADELAIDE FERREIRA DE SOUZA (Rio) — Está certo, "seu" Adelaide, é isto mesmo. Ella lá está trabalhando ao lado de Reginald Denny em novas séries dos *Valentões da arena*.

WHITE PEARL (Rio) — Não se zangue á tôa, não foi possivel. Muitos outros têm perguntado por si. As agencias não, mas nós poderemos servir-lhe em alguma cousa. Quanto ao grande obsequio, não tinha grande importancia, mas faremos. Nada a perdoar.

CECY e DÉDÉ (Barbacena) — Para ambas, Lasky Studios, Vine Street, Hollywood, California.

MLLE COTY (São Paulo) — Agradecemos immenso as suas palavras, mas o concurso é impossivel. A Mlle perdoará, não é?

RODOLPH (Rio) — Ora, você tem cada uma! Não tem um espelho em casa?

MARION — 1º — Casada com Rex Ingram, nosso velho conhecido e director dos films *Prisioneiro de Zenda* e *Eugenia Grandet*. 2º — Não. 3º — Mexicano.

X. X. (Icarahy) — Pois não. Ambos, Lasky Studios. Vine Street, Hollywood, California.

CLARENCE (Ribeirão Preto) — O amigo não acha que o assumpto já está *pão*? E olhe, Ernst Lubitsch é o certo.



TARZAN DOS GORILHAS (Parahyba) — 1º — Elmo, Metro Studios, Hollywood, California; os demais Universal, City, California. 2º — Louise, solteira; Ruth e Gladys, divorciadas. Talvez aproveitaremos os seus offerecimentos.

CAMAPHEU (Santos) — Oh! Como não? Com toda a certeza e é para breve. Talvez *Os Bandeirantes*.

JOHN GILBERT ADMIRER (Rio) — Não senhor, é o mesmo. Na Fox é que adoptou este nome.

NINA (Rio) — Divorciado; e o outro é casado com Gloria Hope.

☆ ☆ ☆

Rumoreja-se sobre uma viagem que a "estrella" da Universal, Priscilla Dean, fará em breve á Europa, em companhia de Wheeler Oakman, seu esposo.

☆ ☆ ☆

Em "The Master of Women", da Metro, trabalham com Earle Williams, Barbara La Marr, Renée Adorée, Pat O'Malley, Wallace Beery, Joseph Swickard, Pat Hardy. A direcção é de Reginald Barker.

☆ ☆ ☆

Andrée Lafayette, Sylvia Breamer e Virginia Brown Faire foram contractadas pela First National para trabalhar exclusivamente para aquella marca.

☆ ☆ ☆

*Lord of the Thundergate* é uma especie de *Prisioneiro de Zenda*, estylo japonez, que está sendo filmado para a First National.

☆ ☆ ☆

Frank E. Woods, Thompson Buchanan e Elmer Harris formaram a "Associated Authors Trio", que distribuirá seus films através da Allied Artists. O primeiro será "King Richard the Lion Hearted" e nelle trabalharão Wallace Beery, Clarence Geldart, Marguerite de la Motte Tully Marshall, Kathleen Clifford e Wilbur Highby.

# Os Films da Semana

PALAIS

NÃO TE ESQUEÇAS DE MIM

(*Forget me not*)

Metro — 1922

Os novos films da Metro têm interessado. Alguns alcançam successo merecido... Outros apenas se fazem applaudir, não deixando saudades... e, assim, apesar de toda a poesia, *Não te esqueças de mim* foi esquecido.

O film começa com Irene Hunt, mais uma vez desempenhando o papel da classica mulher pobre, com o marido de cama, gravemente doente, sem alimento para o filhinho e com a ordem de despejo.

Irene Hunt, aliás, foi sempre uma excellente interprete destes papeis, e todos os outros que dizem respeito com o soffrimento; isto desde o seu bom tempo da Triangle. Bom, mas a gente perdôa porque é para ella se ver obrigada a deixar a creança na Casa dos Expostos e continuar a historia. Dahi, o film é simplesmente extraordinario! Ha muito — o que se diz — "valor" e poesia. Cahe muito, porém, naquella tempestade, onde, em vez de continuar a enveredar para drama, e com a preoccupação de "acabar bem", como é chamado o desfecho com o casamento dos

heroes, matam a pobre da Myrtle Lind, que é para o Gareth Hughes continuar livre e poder casar com a Bessie Love...

Depois, segue-se uma trapalhada de scenas sem nexo e sem razão de ser e mata tambem o film quasi integralmente.

Falariamos enthusiasmados do enredo se não fossem estas coisas... porque, como começou, era para servir a uma superproducção!

Não temos palavras para elogiar o maravilhoso trabalho de Bessie Love, tão grandemente conhecida no Rio e, relativamente, tão pouco admirada.

Nós não sympathisamos com Gareth Hughes, mas elle é um artista e o seu trabalho, no principio do film, principalmente na scena da adopção dos orphãos, é bom, e depois bem poucos se encontrariam com o physico tão bem adequado ao papel.

O auditorio do concerto está magnificamente observado, excellentemente cinematographado e apresenta typos verdadeiramente admiraveis!

Lá vimos Sam Allen e a grande artista Gertrude Claire numa *pontazinha* muito bem apanhada.

O papel de musico seria melhor aproveitado e desempenhado por outro artista; Otto Lederer só serve mesmo para villão de series.

*Cotação*: 8 *pontos*.

ODEON

COMO AS MULHERES AMAM

(*How women love*)

Whitman Bennett — 1922

Film de elegancia, com razoavel montagem de luxo mundano. Historia sentimental de uma mulher que não deve amar porque deseja estrear-se como cantora lyrica, na Opera de New York. Quem conhece os *trucs* commerciaes do theatro, applaude alguns typos caracteristicos que não podiam deixar de surgir no meio artistico de semelhante vida. Betty Blythe, a principal interprete, apresenta-se exhibindo grande variedade de lindos vestidos, que, como se sabe, são desenhados por ella mesma. Robert Frazer, o companheiro de Mae Murray na "Dança do touro", em *Fascinação*, é o galã e não vae mal.

Excellente o typo do "grande Jacobeili", interpretado por Michael Angelo Salerno.

Harry Sothern, o companheiro de Estelle Taylor nas super-producções da Fox, a interessante Gladys Hulette e Julia Swayne Gordon dos aureos tempos da Vitagraph, tomam parte tambem.

Bella photographia.

*Cotação*: 6 *pontos*.

CENTRAL

NANETTE

(*Sure fire flint*)

Mastodon — 1922

Bom film. Graça, encanto e luxo. Johnny Hines, depois que largou a World, foi contractado pela fabrica Mastodon de C. C. Burr, conhecido productor, e tem feito uma quantidade de films interessantes, onde imperam o fino espirito e o bom humor.

Destes films já vimos *Pintando a manta*, que basta dizer que passou no Polytheama, que é frequentado por um publico fino, umas tres ou quatro vezes, a pedido geral! E *Nanette* é a mesma coisa e o mesmo enredo. Na outra, o pequeno nascia num expresso e nesta nasce em casa, num dia de festa, eis a unica differença, mas o pae é o mesmo: Jack Barney Sherry.

Johnny Hines joga outra vez poker com cartas coloridas, depois acaba na *pindahiba*, tendo novamente Edmund Breeze como companheiro, e termina tambem dando uma corrida de automovel, mostrando as suas qualidades magnificas como bom *chauffeur* que é, e ainda as de excellente *sportman* e bom jogador de bilhar.

Tudo isto, como sempre, bem entrecortadas com maravilhosas scenas ineditas de muito espirito. Johnny Hines é um excellente artista e está sendo bem aproveitado agora. Um film bem alegre. Uma hora e tanto de excellente divertimento.

*Cotação*: 8 *pontos*.

A ILHA DA DUVIDA

(*The isle of doubt*)

Playgoes — 1922

Film com um estudo phylosophico já muito explorado. O principal interprete é Wyndham Standing, o correcto galã de Elsie Ferguson em *Canção do deserto* e outros films nossos conhecidos. A *leading-woman* é Dorothy Mackall, que vimos ha pouco em *A vida em New York* e que alcançou enorme successo, ultimamente, na America, no desempenho do film *Mighty Lak'a Rose*, da First National, e o villão de Warner Richmond, que se parece immenso com o nosso conhecido Arthur Ashley. Diverte, entretanto.

*Cotação*: 5 *pontos*.

PATHÉ

ENQUANTO A JUSTIÇA ESPERA

(*While justice waits*)

Fox — 1922

Assumpto explorado. Scenas conhecidas. Nenhuma novidade da maneira da apresentação do film. Dustin Farnum apenas continua a ser um esplendido artista, mas tambem prejudicado, como o seu irmão, em se metter em papeis de *cow-boy*. Na Fox, todos os seus artistas só interpretam este papel agora. A *leading-woman* é Irene Rich e o seu trabalho é muito bom. Earl Metcalfe é o villão; agora deu para isso... e apparece tambem Gretchen Hartman, mais gorda, bem disposta e muito sympathica ainda.

A photographia da Fox cada vez melhor.

*Cotação*: 6 *pontos*.

TRIPEÇA

(*Triplepatte*)

Tristan Bernard — 1922

Deliciosa e interessante comedia franceza, bem desempenhada por um grupo excellente de artistas theatraes de Paris, montada com luxo e apparato, e com boa photographia. E' a melhor coisa que os francezes têm apresentado nestes ultimos tempos; e o que mais nos surprehendeu foi a direcção correcta de Raymond Tristan Bernard, conhecido ensaiador theatral e que já dirigiu um film tambem, porém, infamemente. Eis porque a nossa admiração.

Henry Debain, como protagonista, apresenta um typo muito original e o seu desempenho é muito bom. Edith Jehan é a *leading-woman*. Mr. Pallau, no papel de agiota, é magnifico. Os demais, Mme Loury e Mr. Numès, dos velhos tempos da Pathé, etc., todos correctos nos seus papeis. Só aquella menina, "noiva" do Tripeça, é que é impossivel... mas os francezes não têm suas Miriams Battistas, suas Marys Jane Irving, nem suas Janes e Katherines Lees...

Technica rigorosa, montagem a capricho e bom gosto, e uma photographia bem nitida e artistica.

O sonho de Tripeça está bem feito e muito bem apanhado. Muito bom film. A Casa Marc Ferrez está de parabens pela deliciosissima e fina comedia que programmou esta semana.

*Cotação*: 9 *pontos*.

A' venda nas seguintes casas:

Casa Formosinho, Secção *ERNA AHLERT*, rua do Ouvidor, 136. — A' Garrafa Grande, Casa Colombo, Casa Hermanny, Perfumaria Lopes, Perfumaria Schmitt, Casa Geraldes, Casa Gaspar, Drogaria Ribeiro Menezes, Casa Leitão, Pharmacia São Paulo, rua Haddock Lobo, 452, etc. etc.

**Agentes geraes no Brasil: EWEL & COHEN LTDA.**

RUA VISCONDE ITABORAHY, 32 - A

# Graphologia

**AVISO**

*Temos inutilisado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal e outras, finalmente, escriptas a lapis.*

*Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente escriptos: a tinta, legalmente assignados e em papel liso. O pseudonymo só é permittido para a resposta.*

---

FURUNDUNGA (Bahia)—Presumpção e audacia — é logo o que resalta da sua graphia. Comtudo, sabe attenuar esses defeitos com uma apparencia muito amavel, communicativa, que facilmente conquista sympathias. Tem instinctos sensuaes fortes. Não é, porém, um desordenado. Sabe manter uma discreção que attenua muito esse traço do seu materialismo.

MEDROSA (Therezopolis) — Espirito calmo, paciente e razoavelmente ponderado. Muito propensa á economia por alimentar muito amor ao dinheiro. Grande força de vontade, que, aliás, não gosta de iniciativas: prefere a dos extranhos, que, depois, ampara e desenvolve. Tem presumpção de grande intelligencia. O coração é refractario a generosidades.

A. DE O. (Ceará) — O que mais se destaca na sua graphia é a audacia e a força de vontade. Vão longe esses predicados e como que constituem, só por si, a sua individualidade. Não conhece obstaculos, ou, melhor, vence-os todos com impeto e tenacidade. Predomina a face positiva da vida, apezar de um ou outro pequeno indicio puramente idealista. E' activo e desembaraçado. O seu espirito está sempre de sentinella para aparar quaesquer golpes e é arrebatado no reagir. Sua vaidade não admitte derrotas na lucta pela vida ou ainda naquellas que se travam no terreno das idéas. Ha indicios de fortes, mas impermanentes instinctos sensuaes. Intelligencia clara e operosa. Bom coração, expansivo e generoso.

REVERENDO (Rio) — Intelligencia clara. Espirito pratico, pouco dado a idealismos. Egoismo de dinheiro. Grande amor ao confortavel e uma pontinha de maledicencia no julgamento das pessoas e das cousas.

FORMIGUINHA (Bahia) — Perspicacia e grandeza d'alma. Pouco amor proprio e pouca força de vontade. Algum idealismo sonhador e alguma expansibilidade espiritual. Muita bondade cordial.

ZITA GONZALEZ (Rio) — E' muito bondosa de coração, apezar de ser bastante ambiciosa. Sua vontade é forte, mas não vae muito longe. Ha falta de paciencia. Os instinctos podem mais que a espiritualidade, razão porque impera o materialismo, mormente o sob fórma luxuriosa. Sua tendencia é para a contrariedade ao meio em que vive. E', porém, muito cautelosa na manifestação dessa face do seu temperamento.

BARBEIRO DE SEVILHA (São Lourenço) — E' um facto a imponderação espiritual, bem como a consequente incoherencia na vontade, menos quanto a interesses materiaes, em que ella age certa e logica. Sua expansibilidade é outro facto; é certo, porém, que só o é com pessoas que lhe caiam no gotto. Para as outras é reservado e, ás vezes, um pouco intratavel. Tem repentes cheios de colera. Passam logo e são substituidos por uma amabilidade quasi hypocrita. Desconfia muito, embora apparentando uma credulidade e uma confiança perfeitamente... enganadoras. O seu coração anda sempre sujeito a alternativas entre o bem e o mal.

MALHAS DE LÃ
Acabamos de receber:
Casacos de lã para senhora, desde.... 55$000
Com gorro, desde.......................... 95$000
Casacos de lã para meninas, desde.... 25$000
Com gorro, desde.......................... 44$000
Costumes e capas de malha
Lindos modelos
Sweaters e camisas de malha
com as côres de todos os Clubs
Os mais lindos modelos
Os mais baixos preços
Habilitem-se ao nosso SORTEIO DIARIO de mercadorias no valor de CEM MIL RÉIS
Parc Royal
A Maior e a Melhor Casa do Brasil

# A PARADA DA BELLEZA

Vae passar a rainha das formosas, e todos os homens de bom gosto se reunem para se porem em formatura á sua passagem, ao que elles chamam "a parada da belleza".

Todos estão convictos de que ella é a mulher mais encantadora do mundo; porém todos tambem têm por isso uma grande curiosidade.

Que faz aquella mulher, para, não só conservar, como fazer luzir cada dia com predicados novos de juventude, a sua belleza sem par?

Para ella não existe aquella phrase,

"Hoje está em seu dia".

Não se póde dizer que todos os dias são "eguaes" para ella, mas que são "melhores".

E esse perfume delicioso que deixa atraz de si, como se passasse um ramo de flóres frescas?

E' preciso averigual-o.

Isso não póde proceder, em absoluto, de um facto puramente physiologico.

Ah! ha coisa!

Pois estão redondamente enganados os que assim pensam.

Esta bellissima mulher não usa em seu toucador enfeites, nem "carmins" vulgares e nocivos.

Estas coisas conhecem-se ás leguas!

Esta encantadora personagem não usa senão o afamado sabonete de Reuter, tanto em seu banho como no toucador.

Como ella disse com muita graça, e parodiando um pouco impiamente a oração do "Anjo da Guarda", com "elle se deita" e com "elle se levanta".

Quer dizer que antes de se deitar, em sua "toilette" nocturna, lava-se com sabonete Reuter, e quando se levanta o seu primeiro pensamento é o banho, e alli de novo entra em actividade o ditoso sabonete Reuter, que com suas infinitas bondades hygienicas e regeneradoras prepara esta belleza para os seus triumphos diarios.

# GUIA CONFIDENCIAL DOS FILMS EM EXHIBIÇÃO

*NOTA — Neste guia só apparecem films dignos de menção, por este ou aquelle motivo.*

## FILMS QUE TODA GENTE DEVE IR VER

ROBIN HOOD — United Artists. Velha historia de aventuras com torneios, cruzadas e honrados salteadores que furtam dos abastados para dar aos pobres. Luxuoso e pittoresco. Todo o film é dominado pela imponente figura de Douglas Fairbanks.

PEG Ó MY HEART — Metro. Esta veterana da scena falada passou para a tela, agora com Laurette Taylor tão vivaz e graciosa como sempre nesse papel.

## OS MELHORES NO SEU GENERO

TESS — United Artists. Historia emocionante da filha de um camponio que tem melhores sentimentos do que maneiras. Se gostam de Mary Pickford nesse genero de papeis que a fizeram famosa, acharão esse trabalho magnifico. Não é recommendavel, entretanto, ás pessoas que não estão satisfeitas, porque o cinema passou do periodo infantil.

ENTRE O AMOR E A ESPADA — Paramount. Lindo esse film com uma historia do XVII seculo como enredo. Betty Compson, Bert Lytell, Theodore Kosloff e W. J. Ferguson contribuem para o successo.

BROTHERS UNDER THE SKIN — Goldwyn. Mae Busch e Norman Kerry nos papeis de mulheres gastadoras e maridos que se matam de trabalho para fornecer-lhes meios. Helen Chadwick contribue para o brilho do desempenho.

O HOMEM DE FOGO — Paramount. Romantica e brilhante historia de aventuras passada nos mares do sul.

THE FLIRT — Universal. Divertida e tocante historia de uma familia de cidade provinciana e das perturbações no seu seio introduzidas pelos habitos da filha namoradeira. Eileen Percy e Helen Jerome Heddy, deliciosas ambas.

OMAR THE TENTMAKER — First National. Interessante historia dos amores e odios na Persia, com Guy Bates Post no mesmo papel que desempenhou no palco. Contém effeitos variados e interessantes.

THE BEAUTIFUL AND DAMNED—Warner Br. Alegre e doida historia da idade do Jazz, em que Kenneth Harlan e Marie Prevost passam em turbilhão. Os que se lembram do texto do livro devem sahir antes do ultimo acto.

TOLL OF THE SEA — Metro. O maior successo dentre os films coloridos, essa nova edição de Mme Butterfly com Kenneth Harlan e Anna May Wong.

KICK IN — Paramount. Melodrama de roubalheira com altos e baixos, não sendo a culpa de Bert Lytell e Betty Compson, que ambos trabalham muito bem. Se não tiver visto outros films desse genero póde ir ver este.

BREAKING HOME TIES — Associated Exhibitors. Drama familiar judaico com os costumeiros soffrimentos maternos, que temos visto em tantos outros.

## VALEM O PREÇO DA ENTRADA

O JOVEN RAJAH — Paramount. Desaponto para os admiradores de Rodolph Valentino esta historia de predestinação, que é interessante por conter todos os matadores das formulas consagradas.

SHADOWS — Preferred. Offerece ensanchas a Lon Chaney para desempenhar um papel de oriental. O enredo razoavel.

THE LIGHT IN THE DARK — First National. Hope Hampton apparece. Não convincente. Tendencias ao mysticismo.

THELMA — F. B. O. Talvez Jane Novak não seja talhada para interpretar a Thelma descripta por Maria Corelli; seu trabalho, entretanto, é bom.

A POVOAÇÃO QUE ESQUECEU DEUS — Fox. Uma historia sanguinolenta, cujos interpretes podiam perfeitamente perecer em suas negras peripecias sem grande perda para o cinema.

ANNA ASCENDS — Paramount. Alice Brady no papel de uma turca que emigra para os Estados Unidos e chega ás altas posições sociaes.

WHEN THE DESERT CALLS — Pyramid. Se gostarem de historias em que no final se salva uma heroina, não percam esse film.

THE VILLAGE BLACKSMITH — Fox. Sob a copa de um umbroso castanheiro toda a familia, patriarchal tem o numero de seus membros se atira a uma série de aventuras melodramaticas.

OUTCAST — Paramount. Com um director habil e as qualidades de Elsie Ferguson, seria de esperar cousa melhor. Emfim, ha Elsie e isso é já muito.

BROKEN CHAINS — Goldwyn. Violento melodrama, genero de que muita gente gosta. Colleen Moore no seu papel mais empolgante.

QUINCY ADAMS SAWYER — Metro. Imponente grupo de artistas em um dos films mais inexpressivos do mez. Blanche Sweet no papel principal.

THE DANGEROUS AGE — First National. Ainda uma historia em que marido e mulher são unidos pela existencia dos filhos.

THIRTY DAYS — Paramount. Film sem pés nem cabeça com Wallace Reid tentando divertir-se em todas as scenas. E' uma prohibição do *flirt* por trinta dias para o herõe. Se se vae ao cinema só para buscar divertimento, serve este film.

A BLIND BARGAIN — Goldwyn. Excellente addição para a série de horrores do cinema. E' a historia de um medico que estudando os problemas da vida eterna sacrifica para isso varios clientes. Lon Chaney estupendo.

THE HOTTENTOT — First National. Comedia hippica com varias cousas já vistas. Douglas Mc Lean e Madge Bellamy muito divertidos.

SINGED WINGS — Paramount. Bebe Daniels, Conrad Nagel e Lucien Littlefield trabalham por animar o enredo incoherente.

AS A MAN LIVES — Achievement Films. Enredo que se desenvolve entre apaches; uma pequena (Gladys Hulette) muito graciosa e um doutor que gosta de estudar esses meios suspeitos.

HEROES OF THE STREET — Warner Br. Wesley Barry, filho de um policial, procura, descobre e vinga o assassinato do pae.

A DAUGHTER OF LUXURY — Paramount. Radiantemente bella Agnes Ayres, mas o seu papel nenhuma sympathia desperta.

A DESLEAL — Universal. O eterno triângulo com um cego magnificamente interpretado por Matt Moore, uma rapariga e outro homem.

QUEM SEMEIA VENTOS — Paramount. Jack Holt em uma historia de rapaz rico que acaba por comprehender que o dinheiro não é tudo neste mundo.

WHEN LOVE COMES — F. B. O. Historia sem originalidade, interpretada magistralmente por Helen Jerome Eddy.

## COM PREVENÇÃO

THE MAN WHO SAW TO MORROW — Paramount. Perde-se o esforço de Thomas Meighan, Leatrice Joy e Theodore Roberts para salvar esta historia incoherente.

BULLDOG DRUMMOND — Hodkinson. Esta historia no theatro era interpretada de fórma burlesca. No film os artistas passaram a interpretal-a a serio, o que lhe fez perder todo o interesse.

THE PRIDE OF PALOMAR — Cosmopolitan-Paramount. Film que devia ser prohibido por ultrajante aos japonezes.

IN NEVER KNOW — Vitagraph. Historia da America do Sul com Earle William; dansarinos, brigas, egual a quantos temos visto em duzias de films. Titulo talhado a primor.

# Para todos...

Rio de Janeiro, 2 de Junho de 1923

# "O ESPELHO DE ARIEL"

*"Murmurio d'agua na clepsydra gottejante,*
*lentas gottas de som no relogio da torre,*
*fio de areia na ampulheta vigilante,*
*leve sombra azulando a pedra do quadrante,*
*Assim a hora se escôa, assim se vive e morre...*

*Homem, que fazes tu? Para que tanta lida,*
*tão doidas ambições, tanto odio e tanta ameaça?*
*Procuremos sómente a Belleza, que a vida*
*é um punhado infantil de areia resequida,*
*um som d'agua ou de bronze e uma sombra que passa..."*

*A Belleza... Quem a definiu? Desde tempos tão remotos que a nossa memoria mal alcança, que vem sendo esta a preoccupação dominante no homem, se não a sua razão, quasi, de ser. E, no emtanto, quem viu a Belleza? Quem a definiu? Quem lhe prendeu os braços entre os seus? Quem sahiu do sonho?*

*Ella é uma deusa caprichosa, esquiva, evanescente, imponderavel.*

*Mal tentamos tacteal-a, passar á realidade, logo ella se apaga, logo se faz nevoa, espuma, logo se dilue no ar... Então, por que apparece aos nossos sentidos? Para que?*

*"Sómente a Belleza, que é uma invenção generosa de Ariel, justifica o minuto de soffrimento que vivemos sobre a terra." Só a Belleza justifica a vida.*

*Mas quem a viu completamente? Quem passou da suggestão?*

*Tudo que aos nossos olhos se afigura ser a Belleza é apenas uma suggestão de belleza. Apenas uma possibilidade de belleza. Porque ella está acima de nós. Porque ella é tão bella que a não podemos imaginar em toda a sua plenitude, em toda a sua eternidade de perfeição.*

*Só é digno de ver uma coisa o que pode imaginal-a antes.*

*O homem, inferior, rudimentar ainda, contenta-se com os rapidos instantes de belleza que ás vezes lhe permittem. Mas, mesmo assim, não os gosa como deveria. Porque esse prazer é logo turbado pela necessidade immediata que o homem sente de definir o que seus olhos vêem, quando lhe bastava ver, quando só lhe era licito ver.*

*De todos os animaes, é o homem o que menos vive, o menos feliz por isso. O homem é o animal que define. Emquanto o resto da natureza vive.*

*Por isso, o artista é o super-homem.*

*Elle vive pela Belleza e para ella.*

*Todos os seus sonhos é ella que os povôa.*

*Segundo Platão, o artista seria o homem de maior memoria. O homem que guardou uma lembrança mais nitida da Belleza, que na vida anterior lhe foi permittido contemplar.*

*Pode-se, portanto, definir o homem commum, o que não é artista, como sendo o animal sem memoria que define.*

*Porque, quando o artista, deante de uma manifestação de Belleza, recorda-se da Belleza, e por isso quer reconhecel-a no que vê, o homem commum, porque se não lembra, tenta definir. Tenta. Mas inutilmente.*

*Só são dignas de ser definidas justamente as coisas que o homem não consegue definir. A Belleza, Deus, a alma...*

*O homem de acção é, portanto, o que menos faz na natureza. Visto que não sabe contemplar, nem realisa a sua razão de ser na face da terra, que é definir.*

*O artista, porém, quão feliz que elle é!*

*Que trabalho illustre é o que se lhe apresenta todos os dias!*

*Para elle, tudo são motivos de belleza. Tudo são sensações de belleza.*

*E elle trabalha prodigiosamente, dilatando, ampliando a sua visão no espectaculo diario das emanações da Belleza, que andam esparsas por tudo.*

*E elle ama-a e conhece-a numa curva de onda, num vôo curvo de aza, num balanço de prôa, na queda de uma folha, num effeito de luz, num barulho de aguas, na promessa de um seio, num gesto de mãos...*

*Para elle, não ha segredos. Para elle, Deus existe. Tudo existe. "O mundo existe porque é bello. A moralidade das coisas é uma resultante da sua formosura. Só a fealdade é immoral."*

*O artista é o proprio espelho de Ariel.*

*Todas essas coisas pensava-as eu ao acabar a leitura do novo livro do Sr. Ronald de Carvalho, "O Espelho de Ariel" — livro de ensaios de critica e de arte como nunca se publicou no Brasil.*

*Desde o estylo, que é novo, elegante e subtilissimo, até ao modo de ver as coisas e de sentil-as, fazendo a critica segundo um genio irlandez a imaginava — a critica uma creação dentro da creação, desde que a obra de arte, para a critica, devia ser um ponto de partida para uma nova creação, — "O Espelho de Ariel" é bem uma obra prima.*

*No genero, nada se lhe pode comparar aqui.*

*E eis que possuimos (ha tanto que o esperavamos!) o critico ideal: o que faz critica creando, porque, antes de ser critico, já era creador, já era poeta laureado, creador de imagens de belleza.*

*Era disto que precisavamos.*

*"O Espelho de Ariel" é uma lição de belleza.*

*D'ora avante, não mais os ignorantes. Não mais o desaforo dos incapazes de uma creação, atropellando o sonho dos que creiam. Só é digno de ver uma coisa aquelle que pode imaginal-a antes.*

ONESTALDO DE PENNAFORT.

Elena Hirn

Claudia Muzio

Luisa Bertana

A ESTAÇÃO LYRICA DESTE ANNO

ARTISTAS DA COMPANHIA WALTER MOCCHI

Elsa Bland

Maria Olszewska

Toti Dalmonti

Carlota Dalmer

*O Sr. Mocchi, depois que brigou com o Sr. Mascagni, lá, na terra onde ambos nasceram, ficou valente e quiz fazer o heroe aqui com o Governador da Cidade... Mas, não foi tão feliz como na gloriosa patria do* bel canto...

No Palacio Itamaraty, antes do banquete de despedida offerecido pelo Sr. Ministro do Exterior ao Sr. Ministro do Japão, que partirá, segunda-feira proxima, para o seu paiz

# PEQUENOS POEMAS

Os Poemas que a Saudade de Ti rezou, ao luar, para Minha Alma.

A ALVARO MOREYRA.

I

*Na tua ausencia, o velho piano adormeceu....*
*Ainda vagueiam, no entretanto,*
*phantasmas vãos de mortas harmonias*
*dentro em seu coração, que envelheceu*
*com tua ausencia... Notas frias...*
*surdos gemidos musicaes de velho encanto*
*vão recordando ao velho piano adormecido*
*o sentimentalismo de umas mãos...*

*...Felicidade da recordação!...*
*...O velho piano adormecido*
*jamais acordará, porque o seu coração*
*emmudeceu...*
*adormeceu*
*na saudade feliz das tuas mãos...*

II

*Sonho de prata,*
*a lua desce,*
*numa prece,*
*como uma oblata,*
*sobre a melancholia do jardim,*
*e vae chorando luz por sobre os lagos,*
*e vae chorando luz dentro de mim...*

*...Não sei porque, tristes e vagos,*
*meus pensamentos todos adormecem na lembrança dos teus [olhos...*
*e, sem saber porque, vou sonhando que, nua,*
*toda a minha Vida,*
*como a Tristeza deste parque nesta noite, sob a lua,*
*erra, somnambula, perdida,*
*na grande noite enluarada dos teus olhos...*

III

*Melancholia da distancia!*
*por que requinte de maldade*
*tua alma fria*
*te muda, de repente, em ironia,*
*si acaso em ti quer se extender minha Saudade?...*
*Por que volves esta ansia,*
*esta ansia de Infinito,*
*numa tristissima inutilidade,*
*quando quer te abraçar minha Saudade?...*

*Piedade!*
*Baixa até mim... Desce até o mundo em que me agito:*
*aperta nos teus fluidos, longos braços, minha Saudade...*
*Leva comtigo, pelo espaço, esta ansia,*
*esta ansia de Infinito,*
*Immensidão indifferente da distancia...*
*Melancholia da distancia...*

IV

*Anniquilei meu pensamento,*
*apaguei meu triste olhar*
*nos meus olhos doridos,*
*suffoquei meus sentidos*
*na Saudade de Ti...*
*esqueci de viver, e, somnolento,*
*puz-me a sonhar,*
*e adormeci*
*na Saudade de Ti...*

*Talvez, lá longe, o Mundo ria,*
*na voz dos passaros... no fremito das azas, a vibrar...*
*no perfume dos fructos e das flores...*
*na musica das fontes e dos rios, a cantar...*
*no corpo das mulheres... na alma dos poetas sonhadores...*

*Talvez outras estrellas já sorriam pelo céo...*
*Talvez, toda vestida de sol e de luar,*
*a Vida cante a lôa clara da Alegria,*
*a dansar, a gyrar, a rodopiar,*
*sem rumo, ao léo,*
*na ronda aerea da Felicidade...*

*...E eu não sonho, e eu não sinto, e eu não ouço, e eu não vejo*
*a enganosa volupia que ha no beijo*
*da Felicidade humana...*

*Anniquilei-me, e adormeci*
*na Saudade de Ti...*

*A Saudade de Ti é o meu Nirvana...*

*ABGAR RENAULT.*

No Club dos Diarios, durante um chá de caridade

## BOTÕES

*Sobre a elegancia do inverno, muito teria que escrever alguem que tentasse fazer o elogio dessa linda estação voluptuosa em que as mulheres põem sobre os seus lindos corpos a elegancia suggestionadora dos agasalhos, que são nem mais nem menos que um constante perigo para a imaginação dos homens que sempre têm o desejo, a volupia de adivinhar o que está occulto.*

*A apostar em que as mulheres de espirito e de corpo bonito sabem disso. Ellas se vestem tão bem!...*

*Deus fez a Belleza para que ella fosse discreta, sempre velada. E deu ao homem a indiscreção. E este ficou tão viciado a ser indiscreto... que só ama, verdadeiramente, a discreção, o que está occulto. Quanta coisa bella que andasse ás vistas, teria o seu desdem!*

*Póde mesmo haver fealdade. Desde que elle a não veja.*

*Qualquer mulher mediocre, velada, tem sempre para ella um homem desvelado...*

*A culpa é do Creador, que occultou a Belleza e fez com que ella merecesse, por isso, a investigação do homem.*

*Mas foi tão tolo que não se mostrou. Antes, occultou-se lá no seu throno.*

*O homem, viciado na indiscreção, voltou-se tambem para elle.*

*Dahi a Philosophia.*

*A Philosophia é, pois, um descuido de Deus. A Belleza um pedaço de panno. E o homem... o homem é o fructo de um descuido desse panno...*

On.

UNIÃO DE VISTAS

— Papae deseja um genro rico que possa ajudal-o no desenvolvimento da casa commercial.
— Eu desejo mais ou menos a mesma coisa: uma casa commercial que possa desenvolver o genro.

No Club dos Diarios, sabbado, antes do banquete offerecido ao Sr. Dr. Afranio de Mello Franco e seus companheiros da Embaixada que representou o Brasil em Santiago.

## PEQUENOS POEMAS EM PROSA

### BALADA DO ENCANTAMENTO

*Quando penso em ti, amor, uma onda de beijos aflora-me aos labios, uma onda que traz enrolada a caricia longinqua, rythmada do mar alto do coração.*

✣

*Sonho-te perto de mim, as mãos nas tuas mãos, os meus olhos debruçados na varanda dos teus olhos, ouvindo-te as palavras em surdina, a desenharem na tua bocca sorrisos. Sonho-te na graça pura dos teus gestos, a semearem sonho no jardim fechado da minh'alma.*

✣

*Gostaria que fosses como escrava a enrodilhar-se humilde e pequenina no tapete do meu sonho, — tu, a Rainha, a Senhora do meu coração. Eu erguer-te-ia num beijo. Oh beijo transfigurador a retinir no teu corpo de gothica belleza, como a nota fina e alta dum sino, na bruma de ouro do entardecer.*

✣

*Haviamos de correr pelos bosques, tu pastora bravia, eu pastor bravio, atraz do rebanho fantastico dos nossos Sonhos.*

*O chapeu verde das arvores, que Deus desenhou para o modelo da primavera nova, derramaria a sombra bondosa de mil folhas irreaes — sobre os olhos cansados.*

✣

*Fontes, cantae a musica de beijos em surdina. Vossas boccas liquidas gorgeiam na manhã clara, na manhã luminosa.*

*Fontes, embalae o sonho do meu Amor.*

✣

*Meu amor é pequenino e timido. Gosta do silencio e das arvores e duma nesga do ceu, onde possa ler a graça de Deus e a alegria da Vida.*

Oscar Cunha, poeta de fina sensibilidade, autor do livro *Seára*, cujos versos, de rythmo novo, envolvente, logo lhe grangearam um logar de destaque entre os artistas modernos do Brasil.

Enlace Zenith Couto - Dr. Mario do Couto Oliveira.

*Tens os labios em febre, amor. Vem colher na bacia de prata da fonte a petala branca da agua. Dar-te-ei na concha das mãos agua de beber. Como o teu peito está offegante! Bebe! Dá-me agora os teus labios de frescura, humidos como morango, oh Sulamite que tens o luar nos olhos das noites estrelladas.*

✣

*Vamos correr de novo a floresta, abraçados. Como é macio o calor do teu seio. Como são deliciosas as horas do teu coração, relogio de sol que trazes escondido no peito.*

✣

*Por que foges de mim, amor? Não tens medo da floresta silenciosa e deserta. Vaes numa caminhada doida para o abysmo. Não vás! Eu quero mostrar-te o caminho que dá para a alegria, com rosas que ninguem ainda colheu, com fructos que nenhuns labios ainda saborearam.*

*Só eu sei esse caminho.*

*A alegria fica escondida num canto da floresta e ha um silencio tão fino que deixa escutar a musica dos corações.*

*Passam tantos perto, mas a alegria cada vez mais se esconde.*

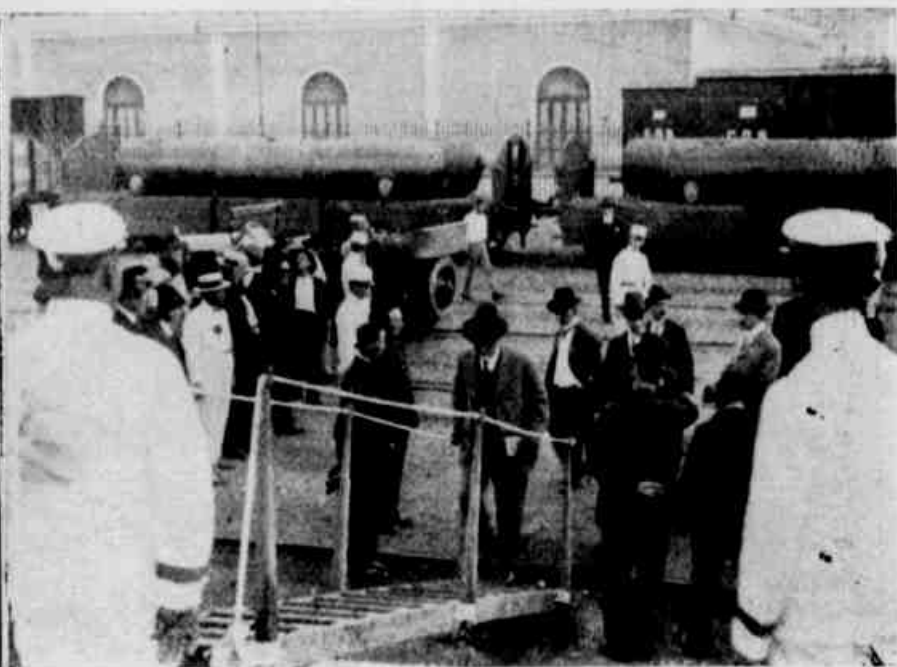
*Olha, meu amor, és uma creança. Has de gostar de ouvir os contos do "era uma vez".*

✣

*Era uma vez um sonho, lindo como um pagem e commigo se encontrou no caminho da Vida. Fechou-me os olhos com seus deditos macios de seda. Disse-me ao ouvido que esperasse um minuto. Quando me abriu os olhos, estavas ao meu lado, Amor.*

*Um cortinado tenuissimo de seda cahia do ceu — era o luar descendo aos nossos olhos em extase.*

CARLOS LOBO DE OLIVEIRA.

Antes da partida de Santos

Embarque em Santos

# A EXCURSÃO DO PRESIDENTE DE S. PAULO PELO LITTORAL NORTE

*Na mais louvavel aspiração de bem conhecer* de visu *a situação em que se encontram as villas e cidades littoreanas do Estado de S. Paulo, o Dr. Washington Luis emprehendeu uma viagem de inspecção por essa zona, deixando as commodidades do palacio e os confortos da cidade.*

*Como tem acontecido ás outras zonas do Estado, agora chegou a vez do littoral norte, completando assim o Presidente a sua inspecção directa a todos os recantos.*

*Esse proposito em que tem se mantido o presidente Washington Luis, facto inedito na historia politico-administrativa de S. Paulo, é o cumprimento fiel da sua plataforma politica ao assumir as redeas do governo.*

*A esse programma se deve o formidavel progresso do "hinterland" paulista e tem sido o factor principal do resurgimento de muitas zonas do Estado, que jaziam em completo e decadente abandono.*

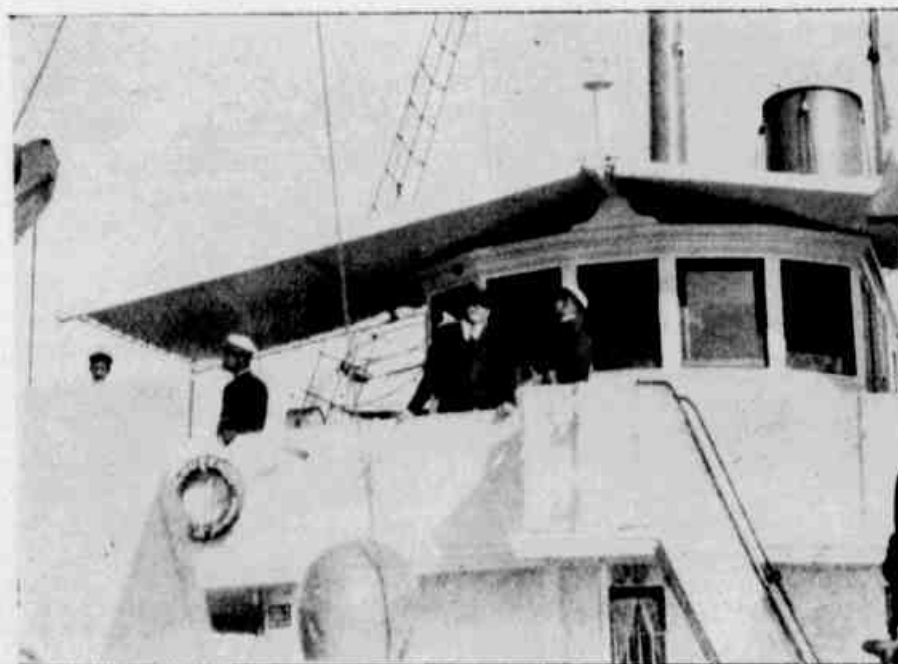
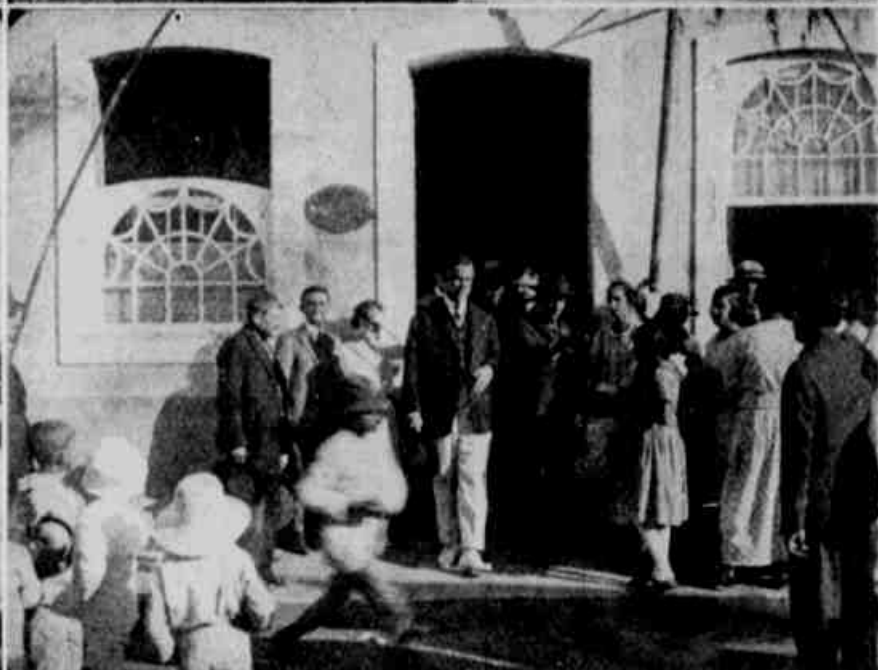
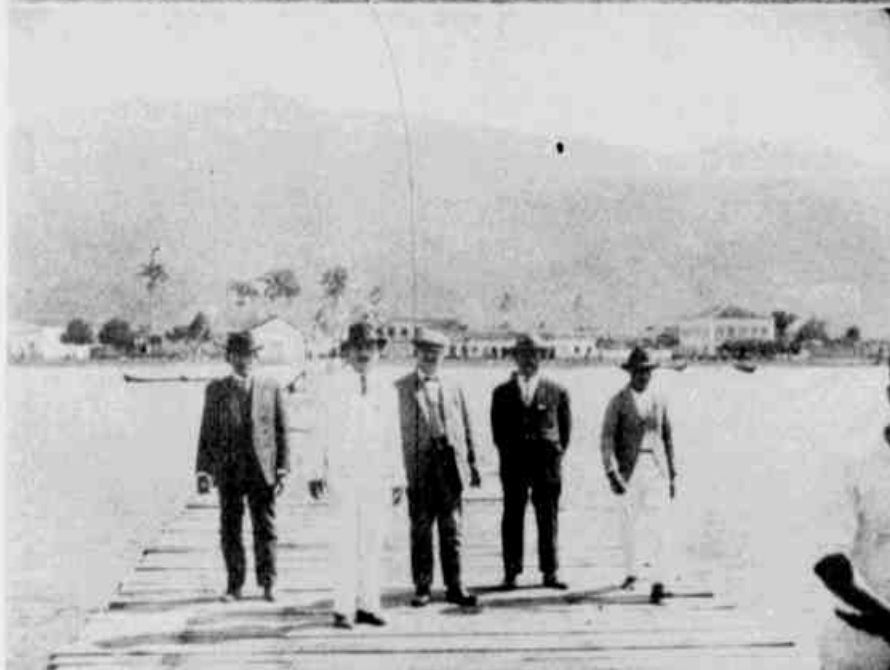
*Com essa excursão á zona mais pobre do Estado, acaba o Presidente Washington Luis de palmilhar todo o territorio paulista. Quem nos dera que assim procedessem todos os governadores de estado!*

*E' desolador o estado de marasmo e desanimo em que se encontra a minguada população das cidades norte-littoraneas.*

*E tudo porque, até então, nenhum presidente se abalou até aquellas desconfortaveis paragens para conhecer as suas riquezas e as suas necessidades mais immediatas, aqui no caso vitaes.*

*O chronista do "Estado de São Paulo", que fazia parte da comitiva presidencial, assim se exprime ao referir-se a essa região:*

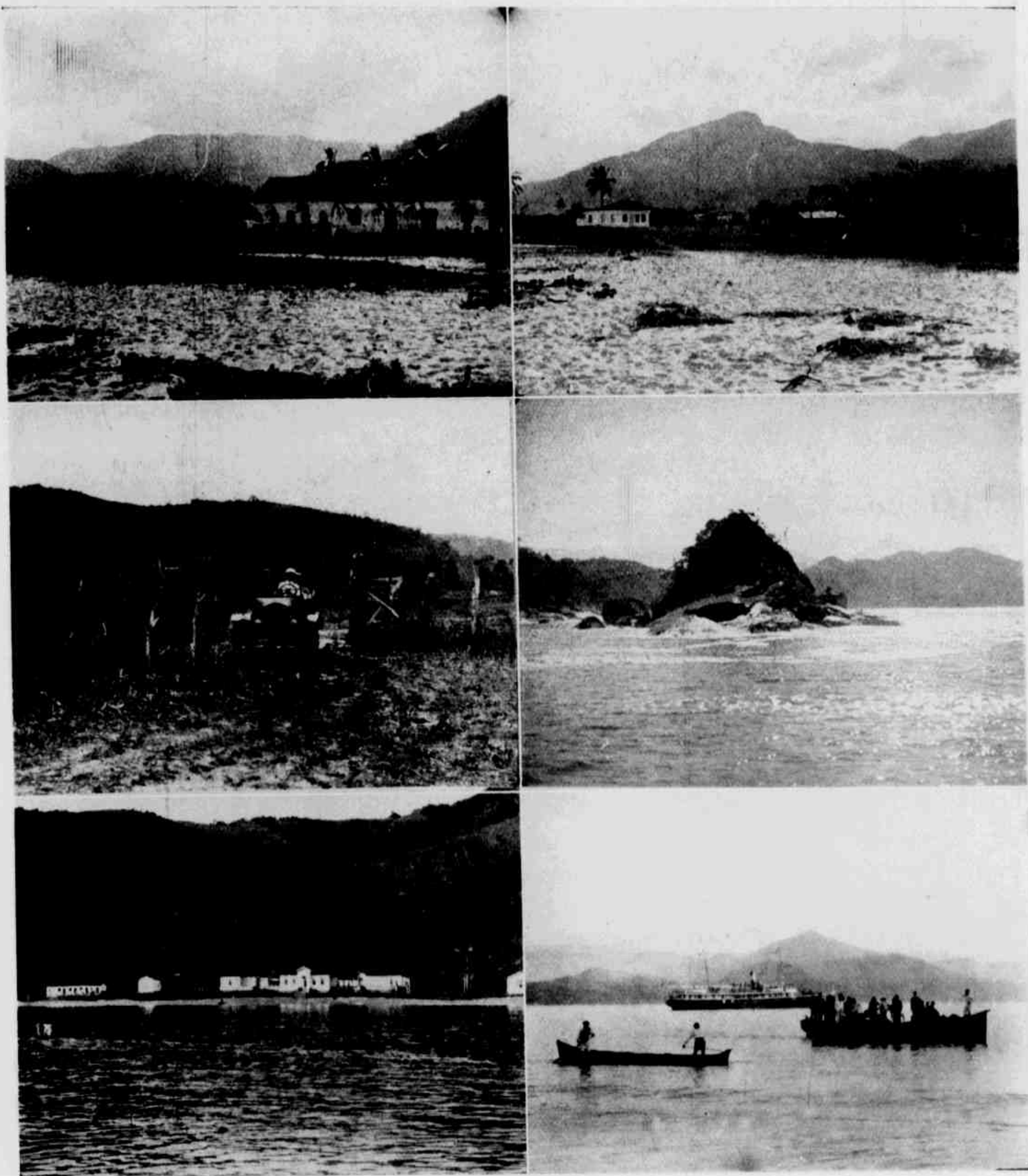
*"Não é muito animadora a impressão de quem visita Caraguatatuba pela primeira vez. Como S. Sebastião, ainda com menor desenvolvimento, Caraguatatuba dá impressão de isolamento e abandono, por parte dos seus proprios habitantes.*

*Quando o viajante fatigado percorre os grandes de-*

O Sr. Presidente Washington Luis a bordo do "Commandante Manoel Lourenço"

Vista geral de S. Sebastião — O Sr. Presidente Washington Luis desembarcando na ponte de S. Sebastião — O Dr. Alberto Braga, director de obras da Secretaria da Agricultura, na ponte de S. Sebastião — O Sr. Presidente deixando o "Grupo Escolar Henrique Botelho", em S. Sebastião. S.Ex., entre meninas, senhorinhas e senhoras de S. Sebastião. — Uma rua de S. Sebastião.



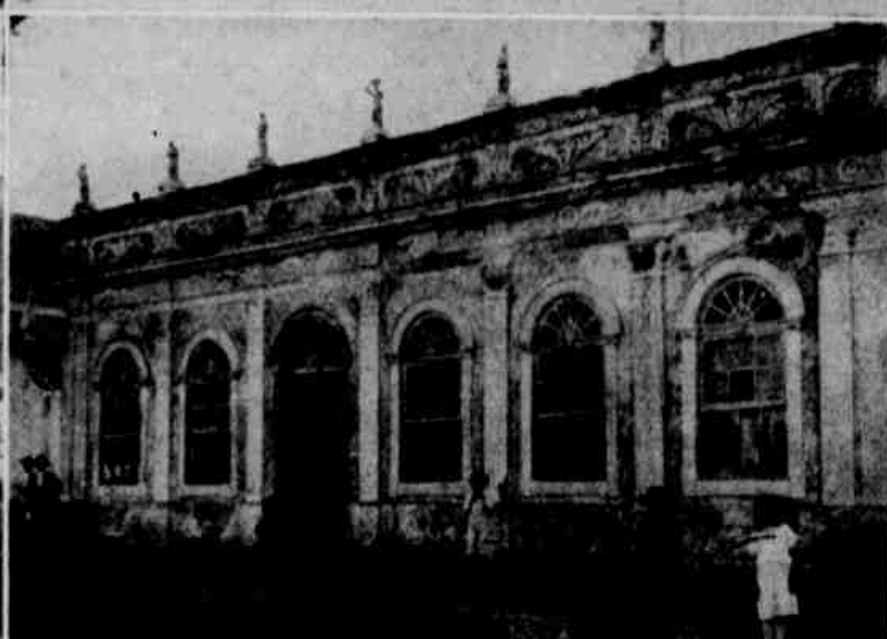
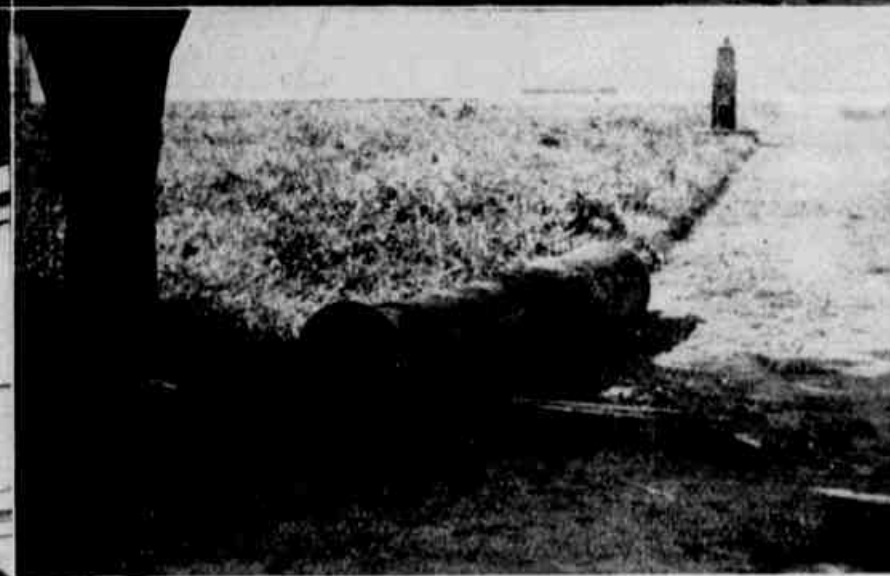
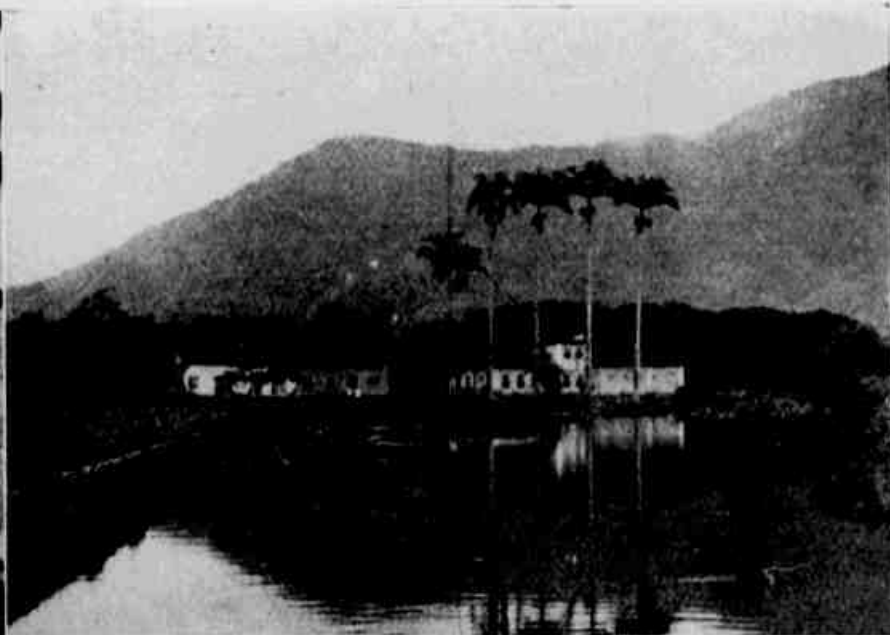
*sertos encontra no meio de sua aridez um ponto de animação nos pequenos oasis situados na amplidão das areias escaldantes. Em Caraguatatuba o contrario se dá. A cidade parece um pequeno deserto encravado num immenso oasis coberto de florestas que, em toda a sua força, em todo o seu vigor atingem os mais altos pincaros da Serra do Mar.*

*A vida pujante que se nota na vegetação robusta de toda a zona vem achar um contraste desolador na mornidão indolente da existencia da pequena cidade. Com effeito, a primeira coisa que se nota é o desanimo estampado na face dos seus habitantes, é o marasmo que se vê em todo o aspecto da cidade.*

*Suas habitações pobres, cahindo em ruinas, lembram como as outras cidades praianas do norte do Estado, uma época longinqua, em que era quasi totalmente desconhecido em toda a America o mais leve arremedo de civilisação."*

Vistas de Caraguatatuba — Ponta da Trindade, nas divisas de S. Paulo com Rio de Janeiro — Vista geral da Ilha dos Porcos — Desembarque da comitiva presidencial em visita á Ilha dos Porcos, onde exsite o antigo Instituto Correccional.

*Partindo de Santos visitou o Presidente Washington Luis as cidades de S. Sebastião, Caraguatatuba, Villa Bella, Ilha dos Porcos, Ubatuba, Parahybuna, Caçapava e Taubaté.*

*E estamos certos que não tardarão as bôas providencias do Dr. Washington Luis, dispensando a essas regiões esquecidas o mesmo carinho repartido ás outras.*

*Por esse resurgimento tornar-se-á o Dr. Washington Luis, mais uma vez, credor da gratidão dos paulistas e da admiração dos brasileiros, que não tardarão em lhe fazer justiça, cognominando-o de:* Presidente-bandeirante.

Instituto Correccional na Ilha dos Porcos — Casa do Chefe (Ilha dos Chefe.)—Em Ubatuba, após a chegada da comitiva — Antigo Solar em Ubatuba — A matriz — A Camara Municipal — Uma rua em festa — Canhões coloniaes em S. Sebastião.

Uma rua em Ubatuba, com as suas construcções do tempo colonial — Grupo escolar em Ubatuba — Banquete, em Taubaté, offerecido ao Sr. Presidente Washington Luis e sua comitiva — Uma rua em Parahybuna; ao fundo, a Parahybuna — Cadeia de Parahybuna — Camara Municipal de Parahybuna — Casa do Prefeito de Caçapava — Canhões coloniaes, em S. Sebastião

# Ba-ta-clan

## O GRANDE SEGREDO

*Não sei que diga, não sei que faça:*
*Confessar é imprudente, é inhabil, e depois*
*Ficam todos sabendo da desgraça*
*Deste traço de união que existe entre nós dois.*

*Dessa fôrça dynamica que prende*
*As nossas vidas e nossos corpos tambem.*
*Essa gente de certo não comprehende*
*A grandeza moral que esta loucura tem.*

*Haverá delirio que se approxime*
*A' gloria de sonhar com o teu corpo pagão,*
*Perfeito como um sonho e subtil como um vime,*
*Dando alma á palma da minha mão?*

*Não ha sonho, não ha delirio. Emtanto eu sinto*
*Vontade de dizer, de proclamar:*
*Essa que ahi vae com uns olhos cor de absyntho,*
*Amo-a! Nasceu dentro do meu olhar!*

*Nasceu da espuma branca de uma taça,*
*Onde eu bebo o magico licor*
*Da vida. E esse licor traz comsigo a desgraça*
*Mysteriosa do Amor.*

*Nasceu do encantado reflexo*
*De um lyrio num espelho de crystal.*
*O seu encanto me deixou perplexo...*
*A sua bocca fez-me um grande mal.*

*A sua bocca de faunesse... E o sacrificio*
*De vel-a sem poder depor*
*Sobre o seu calix o veneno do meu vicio,*
*Do meu beijo emolliente e embriagador.*

*Este é o grande martyrio e o culpado é o desejo,*
*Esse demonio allucinante, cuja voz*
*Me persegue a dizer: Vamos, um grande beijo!...*
*E depois, meu amor, o que ha de ser de nós?*

JOÃO DA AVENIDA.

NOVOS RICOS

O que já é, os que vão ser e os que nunca serão... *(Desenho de Luiz)*

# TERRA CARIOCA

## O MORRO DO CASTELLO

*DA tradicional montanha pouco ou quasi nada resta de interessante. O que ella tinha de pittoresco desappareceu por completo. Muralhas nuas, hirtas, como braços descarnados a implorarem misericordia, é quanto se vê agora. O Progresso, exigindo o arrazamento da collina, desvirtuou a lenda, quebrou o mysterio envolvente de muitos lustros; esperavamos todos ver surgir das barrancosas estradas uma fada conduzindo um cortejo de apostolos de ouro massiço, genios carregados de gemmas e pedrarias, ciriaes de prata lavrada ou ouro em barra. Contavamos ver Pedro Franzini trazendo pela mão João, seu filho e herdeiro de todas as riquezas, armados em cavalleiros da Edade Média, promptos a vingar a desdita da infeliz descendente de Gusmão, morta encerrada nos subterraneos do Convento... A alma simples do povo cria na lenda simples de todas aquellas coisas; o estudioso obcecado como os alchimistas, cria baseado em provas julgadas insophismaveis, nos roteiros bolorentos, mysteriosos como um quebra-cabeças; cria pelas cartas deixadas por Franzini, onde se encontram trechos de sabor inquisitorial: "Tu estás sendo educado por conta da Companhia de Jesus, e logo que chegares á edade, busca os brazões de familia. Talvez que este passo criminoso dado por teu pai venha a custar a vida. Teu pai, pertencendo á nobre estirpe dos "Franzini", viu-se na dura necessidade de mudar de nome e fazer parte da Companhia de Jesus para livrar-se da perseguição que soffria do governo*

Interior do Observatorio

Subida da montanha

Porta do Forte

*da sua patria, por questões politicas, e foi remettido em commissão como visitador da Companhia de Jesus, nos dominios do Brazil, sendo, mais tarde, nomeado Geral da Companhia de Jesus.*

*Em Florenza estão os palacios de teu pai e no da Capital encontrarás, na sala de recepção, no angulo direito da entrada, a trez polegadas do canto do angulo, um falso, no qual acharás um cofre com todos os retratos e joias da minha familia, documentos que servirão para reclamares os teus direitos, sobre titulos e bens confiscados a mim pelo governo.*

*Se algum dia fores á Italia, não procures enlaçar-te em familia alguma de lá, porque são todas as mulheres orgulhosas, assomadas e infieis.*

*Escuta os conselhos de teu pai e amigo. — Pedro Franzini. — Setembro XX de MDCCVII."*

*Mas, não nos deixemos levar pela phantasia, tratemos da historia da montanha, a verdadeira causa da nossa chronica.*

*O aspecto mais pittoresco da velha séde do governo da cidade era o comprehendido no reducto em que se encontrava o marco da fundação do Rio de Janeiro. Mem de Sá, então governador geral do Brasil, com séde na Bahia, entendeu mudar para o alto da montanha "que dominava o amplo ancoradouro e offerecia expansão em todos os sentidos, por planicies e varzeas.*

*Ahi, ao lado de um marco de pedra em que estavam lavradas as armas portuguezas, mandou construir nova e mais formosa capella sob a invocação do mesmo santo; e, para garantir a terra contra possiveis incursões, fez levantar os muros de um Castello, que já desappareceu, mas que até hoje dá nome ao morro em que se installou a cidade (1).*

*Regressando á Bahia, Mem de Sá deixou como governador da cidade o seu sobrinho Salvador de Sá. A elle se deve a trasladação do corpo de Estacio de Sá, da antiga sepultura situada em uma rustica capella existente sob a invocação de S. Sebastião, no sopé do Pão de Assucar, para a nova egreja da mesma invocação, no morro do Castello.*

(1) Rio de Janeiro — *Ferreira da Rosa.*

S. Ignacio de Loyola

*Até bem pouco tempo (mezes apenas), a sepultura se conservava no mencionado logar, muito bem conservada pelos religiosos habitantes do vetusto convento. No marmore da Campa, encimando as armas, em baixo relevo, lia-se:*

*"Aqui jaz Estacio de Sá, Capitão e Conquistador desta terra e Cidade. E a campa manadou fazer Salvador Corrêa de Sá, seu primo, segundo Capitão e Governador, com suas armas. E esta Capella acabou no Anno de 1583."*

*Independente desse aspecto, a collina offerecia ao povo da cidade outras modalidades. Possuia os templos que nos reconduziam a éras passadas; lá no alto havia o observatorio com o popular "balão", para onde todos os olhos cariocas se volviam ás badaladas do meio-dia; havia o Hospital de S. Zacharias, de janellinhas interminaveis... Pelas suas ruas e ladeiras serpenteantes subiam as procissões historicas.*

*A vida urbana, durante quasi todo o seculo XVI, achava-se centralisada no morro do Castello. As chronicas de antigamente nos dizem da existencia no morro das casas da Camara, da cadeia, da residencia do Governador e seus companheiros. Lá fixaram o seu pouso os jesuitas, em virtude de amplas concessões feitas*

Aspecto da collina

Uma das egrejas

Portão jesuitico

*por D. Sebastião. Felisbello Freire, a respeito da construcção do Collegio, escreve na sua "Historia da Cidade do Rio de Janeiro": "Como se sabe, as obras deste Collegio foram demoradas, mas, já em 1585, o padre Fernão Cardim gabava as excellencias desta casa religiosa, a solidez dos seus cubiculos, a construcção de uma nova egreja de pedra e cal e, sobretudo, as excellencias da cerca onde se cultivavam fructos superiores aos de Portugal e até a vinha.*

*O padre Ignacio de Azevedo, que acompanhara Mem de Sá na conquista do Rio, obteve a doação e regressando a Lisboa, deixou Nobrega e Anchieta encarregados da construcção do templo, que, em pouco tempo, estava concluido."*

*Pela necessidade de um desenvolvimento natural, os habitantes daquella verdadeira colmeia, "abriram tres communicações com a planicie, verdadeiras ladeiras por onde desciam e que tomaram os nomes de ladeira da "Misericordia", da "Ajuda", tambem chamada "Passo do Porteiro", e, um pouco mais tarde, a ladeira do "Cotovello". Pode-se dizer que a abertura dessas ladeiras forçaram a abertura de ruas na planicie; em Felisbello Freire vamos encontrar, precisamente, a documentação a respeito de semelhante coisa: "A ladeira do "Cotovello" foi aberta antes da rua do Carmo, que não existia, até onde chegava a rua de S. José, que ainda conserva a direcção recta até ahi. Existia então uma aba do morro, que foi desbastada para aterros, de sorte que ainda hoje se nota a direcção curvilinia da rua de S. José até á egreja do "Parto". E' evidente que esta ladeira foi o resultado della e, ao mesmo tempo, a causa da abertura da rua de S. José, que quasi é contemporanea das ruas da Misericordia e Direita, porque era indispensavel essa via de communicação entre o morro e esta zona da Cidade."*

*As egrejas existentes até bem poucos dias no alto da collina foram construidas, respectivamente, em 1567 e 1583.*

Maio, 1923.

*ERCOLE CREMONA.*

Interior do Observatorio

A TEMPORADA DE "FOOT-BALL" EM 1923

Instantaneos da *torcida* durante o jogo Fluminense e Vasco no *stadium* da rua Guanabara

Sociedade Hippica Paulista — Instantaneos das provas classicas de equitação, no dia 11 de Maio (*á esquerda*).

## DE REMY DE GOURMONT

*A natureza é para nós um beneficio perpetuo. E' um motivo de profundo regosijo podermos representar-nos as arvores, as aguas vivas, os passaros livres, as flores e todos os matizes do verão e do outono, a volta regular dos cyclos eternos. Dá-nos a natureza o sentido da perpetuidade, inclina-nos, a nós, seres passageiros, a uma especie de adoração pela sua invencivel permanencia. Contemplando-a, unindo-nos a ella numa tranquilla communhão, parece que adquirimos não sei que eternidade cuja illusão nos não engana, mas cuja profundeza de um instante nos dá uma infinita emoção.*

☆ ☆ ☆

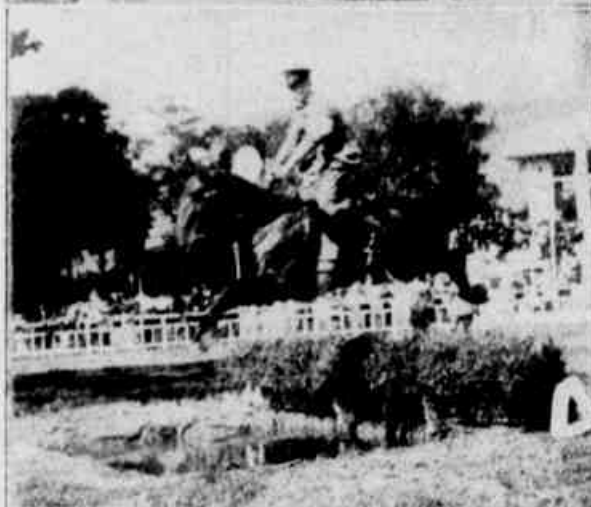
*Desconfia do amor e da mulher. Véla sobre ti mesmo. A essencia da mulher está insondavelmente occulta, como os colleios do peixe na agua profunda.* — BUDHA.

✣

*O amor é a causa do mundo; o egoismo é apenas uma ignorancia. Devemos dar os nossos olhos, a nossa alma, as nossas palavras graciosas.*—VYASA.

☆ ☆ ☆



Club Sportivo de Equitação — Instantaneos das provas realisadas no ultimo domingo (*á direita*).

# Comedias e Comediantes

*Ha entre nós uma manifesta tendencia para rir. Queremos jornaes, revistas, livros e espectaculos alegres. Achamos melhor rir, que tomar esta vida a sério. Andámos uns annos illudidos com as promessas de que o mundo ia soffrer uma transformação, que as artes e o pensamento humano visariam outros ideaes; consequencia da grande guerra, já se vê.*

*Afinal a guerra não nos trouxe nada de novo. O velho mundo, de onde partiu a prophecia, continúa a desdobrar os velhos conceitos, atravez da mesma philosophia e no campo da arte — se o termo não é mal applicado — mantem a inalteravel rotina. Em materia de theatro então, são as velhas peças e os autores de antes da guerra — excluindo as revistas — que chamam o publico. Os talentos novos que a imprensa celebra e consagra — na França, Serment, Lenormand, Copeau; na Italia, Pirandello e na Hespanha, Jacintho Gran, para não alongar as citações, — deixam os theatros ás moscas. Será que o talento desses escriptores excede a comprehensão das platéas? Que responda quem tiver tempo para estudar o assumpto. Nós, se o trouxemos á baila, foi tão sómente para falar dos repertorios que nos trazem as companhias que nos visitam, a preços elevados. Não lhes parece que é já tempo de exigir que, no Municipal, em vez de nos darem a salada russa de dramas, dramalhões, comedias e* vaudevilles, *por companhias que, dada a escolha das peças, são fatalmente desequilibradas, nos dêem* troupes *definidas para drama ou comedia, cujo repertorio obedeça egualmente ao mesmo genero? Afinal, o papel a que reduzem a commissão, onde figuram os Srs. Coelho Netto e Pinto da Rocha, não passa de uma censura de moral... para prohibir as* Demi-Vierges *e deixar representar* l'Ecole des Amants, Autruche *e outras. Com isto não queremos prégar moral, longe de nós tal pensamento. O que desejamos é que essa commissão estabeleça com o concessionario do sumptuoso theatro o caracter das companhias a virem visitar-nos. Commercialmente, esse emprezario nada perderá, ao contrario, a homogeneidade das companhias em relação ao equilibrio dos repertorios valorisará o seu negocio, satisfazendo as exigencias de arte a que têm direito aquelles que pagam.*

Pepita de Abreu, "Randall"

LÁ POR FÓRA — *Entre muitas curiosidades que vêm mais uma vez demonstrar que os factos se repetem atravez o tempo, encontrámos esta troça admiravel no* Journal de Paris, *de* 15 *de Agosto de* 1781:

Pinto Filho, "Almofadinha" de *Meia Noite e Trinta.*

Isidro Nunes, o mais moderno dos nossos ensaiadores e *metteurs-en-scene*, que, na direcção da companhia do Theatro S. José, tem dado ao publico do Rio deslumbrantes montagens e marcações originalissimas.

Celia Zenatti, "Meia Noite e Trinta"

"Curso publico para habilitar a mocidade amadora de theatro a passar por *entendida*. Não se vae ao theatro para gosar as bellezas duma peça, mas simplesmente para se emittir conceitos sobre o seu merito. Capitulo dos movimentos com a cabeça — a arte das distracções, dos applausos e das piadas a proposito, etc."

*Como satyra aos espectadores que se dão ares de criticos, não se podia fazer melhor e francamente,* 142 *annos depois, póde ser reeditada com toda a opportunidade.*

■ *O theatro Ronacher, de Vienna, tinha achado uma mina de ouro, num athleta famoso, o Sr. Breitbart, que dobra varões de ferro como quem verga fios de arame e sustenta pesos e choques inacreditaveis. Mas eis que o reputado telepatha Hanoussen lhe oppoz uma formidavel concorrencia, exhibindo, no Apollo, uma fraca mocinha de* 19 *annos, Martha Farra, de origem vienense, que, sob a influencia da suggestão, executa os mesmos violentos exercicios de Breitbart. Os partidarios deste artista e os assalariados do seu emprezario fizeram escandalo e quasi houve pancadaria na estréa de Martha Farra. Um jornal, o* Sonn und Montag Zeitung, *organisou um jury composto de professores da Universidade,* sportsmen, *operarios metallurgicos e jornalistas, o qual foi unanime em declarar que o trabalho da moça era real e irreprehensivel. Vienna está apaixonada pelo caso e não se fala senão de Martha Farra, de Hanoussen e de Breitbart e do processo que entre elles se promove.*

Alfredo Silva, "Charadista"

CÁ POR CASA — *Afinal o caso Mocchi-Prefeito está resolvido. A multa de dez contos foi a tangente achada para se permittir officialmente a vinda da lyrica para o Municipal, em Setembro.*

■ *A companhia Maria Melato, que ha de chegar pelo* Principessa Mafalda, *em* 16 *de Junho, estreará, no Municipal, na segunda-feira* 18, *com uma peça nova...* a Fedora, *de Sardou.*

■ *A Clarita Weiss estreou com sorte. A primeira opereta nova,* Scugnizza, *(A garota), apresentou bem o modesto elenco e agradou.*

■ *As companhias nacionaes do S. José ao Trianon, estão fazendo boas receitas.*

*A* troupe *do Central, com as peças num acto, não póde dizer ao que veiu, e é de crer que, agora, depois que a firma Matarazzo se associou á empreza Pinfildi (sempre em progresso), tenha de se mudar.*

No salão de honra do Palacio da Policia, no dia da inauguração do retrato do Presidente Arthur Bernardes no gabinete do Marechal Fontoura.

## DE MAETERLINCK

FLORES — *Haverá na terra mais doce ornato para as horas de repouso que a cultura das flores? E' delicioso ver assim reunida, para o prazer dos olhos, a multidão magnifica que a luz crêa para della extrahir o mel, o perfume, a cor. Vemos assim traduzidas em alegrias visiveis e fixas ás portas da morada, as delicias esparsas, fugitivas e quasi inaccessiveis do verão, a volupia do ar, a clemencia das noites, a emoção dos raios luminosos, as confidencias da aurora, o murmurio e as intenções do espaço azul. E não é sómente o goso da esplendida presença das flores: esperamos sempre, talvez sem a menor razão, tão obscuro e profundo é este mysterio, que, de tanto interrogal-as, chegaremos a surprehender não sei que lei, ou que idéa secreta da natureza, não sei que pensamento intimo do universo, que talvez se atraiçõe nestes momentos ardentes em que se esforça por agradar a outros seres, seduzir outras vidas, e crear belleza...*

■

A excursão do Sr. Dr. Aurelino Leal, Interventor Federal no Estado do Rio de Janeiro, pelo interior do mesmo Estado, onde fez diversas inaugurações. Visita á fazenda do Sr. Carlos Schumann.

## SEGREDO DA BELLEZA

### REVELADO POR UMA DOUTORA NA ARTE

*Receita simples, dada por uma doutora na arte de ennegrecer o cabello encanecido e fazel-o crescer.*

*Mlle Evelyn Washton, de Buffalo (New York), doutora na arte da belleza, dizia recentemente: "Qualquer pessoa póde preparar uma mistura na sua casa com infimo custo, ficar sem cãs, fazer crescer o cabello e pol-o suave e lustroso. Em um quarto de litro de agua, deitem-se 30 grammas de Vanyrim, uma caixinha de Blencord e 7 1/2 grammas de glycerina. Os ha em qualquer perfumaria ou drogaria. Applique-se ao cabello duas vezes por semana até se obter a cor desejada e fica a pessoa como se lhe tirassem vinte annos. Além disto, ajuda muito o cabello a crescer e elimina a comichão e a caspa."*

*A' venda na Drogaria Granado, Drogaria Baptista, Drogaria Pacheco, Drogaria Gesteira, Drogaria Werneck, Ribeiro Menezes & C., Orlando Rangel & C., Drogaria Huber, Drogaria Berrini, Almeida Martins & C., Drogaria Giffoni, Drogaria André e nas perfumarias de primeira ordem.*

■

*Um dos artigos do codigo francez prohibe aos medicos acceitarem heranças que porventura lhes deixem seus clientes fallecidos.*

# Cinema Para todos...

## Chronica

### BOAS FALAS...

*A Companhia Brasil Cinematographica vae, em breves dias, iniciar a construcção de um grande e luxuoso theatro-cinema, á feição dos congeneres norte-americanos, nos terrenos onde se erguia o vetusto casarão do Convento da Ajuda, de sorte a ficar prompto, o mais tardar. nos mezes de Abril ou Maio do anno vindouro.*

*Esse estabelecimento de projecção conterá todos os melhoramentos e condições exigidos por nosso clima e terá a capacidade necessaria para mais de 2.000 espectadores, á vontade, tornando assim economica a exploração dos grandes films que a industria cinematographica está hoje produzindo cada vez com mais frequencia, por elles exigindo preços cada vez mais elevados.*

*Ao lado desse primeiro estabelecimento, dizem que o capitalista Sr. Rocha Miranda erguerá um outro, nas mesmas condições, cuja construcção deve tambem ser iniciada agora.*

*A nós só não agrada, desde já, o ponto escolhido que não é dos mais francamente, facilmente attingiveis senão pelos moradores dos bairros que se estendem além-Gloria, carecendo os de outros bairros de buscar conducção, nem sempre facil, para attingir o fim da Avenida. Mas o problema do trafego nas ruas centraes está a mostrar que em breve tempo o percurso dos bondes de Botafogo não passará do Monroe, deslocando dess'arte para as proximidades do Passeio Publico o ponto em que hoje se agglomera a multidão dos moradores daquelle bairro que diariamente demandam a cidade.*

*Desde que sejam bons os programmas desses grandes estabelecimentos, desde que os seus exploradores não sejam da escola* derrotista *do ineffavel Sr. Pinfildi, o publico se habituará a procurar sua diversão favorita no fim da grande arteria central.*

*A abertura do primeiro desses grandes estabelecimentos será o signal de morte das ridiculas saletas que hoje fingem de cinema na Avenida.*

*Já os grandes cinemas da rua da Carioca fazem séria concorrencia, mercê de suas commodidades, aos estabelecimentos da Avenida; com a construcção promettida dos novos estabelecimentos elles terão fatalmente de fechar suas portas.*

*Mas não são só esses dois os projectados cinemas. Consta-nos que, capitalistas de S. Paulo, armados de avultados capitaes, querem tambem construir na Avenida um outro cinema...*

*E outro grupo de capitalistas daqui mesmo, não será de extranhar que edifiquem um quarto, mesmo no centro cinematographico actual...*

*São boas palavras, boas noticias...*

*Já tardava esse movimento, pelo qual nos vimos batendo desde os primeiros dias desta revista. O Rio de Janeiro bem merece afinal que lhe proporcionem os exhibidores casas boas, hygienicas, confortaveis, que justifiquem os preços exigidos pelos espectaculos cinematographicos.*

*Parece que só agora se volvem para as possibilidades desse ramo de commercio os olhos dos capitalistas. Que delle não se arredem ás primeiras difficuldades, como de outras vezes tem acontecido.*

*OPERADOR.*

☆ ☆ ☆

"O mez de Abril, affirmou James Smith, critico cinematographico de nota, trouxe ao cinema varias surpresas: a primeira a elevação de James Cruze á primeira classe dos directores de scena com o seu estupendo film *The Covered Wagon;* outra foi o surto de Ramon Navarro como galã no horizonte celluloidico, transformando-se no idolo das platéas com o film *Where the pavements ends;* e ainda os novos galões conquistados por Fred Niblo que, mal acabou de triumphar em *Robin Hood,* produziu uma nova obra prima com *The famous Mrs. Fair.*

☆ ☆ ☆

Consta o noivado de Marjorie Daw e Dana Told.

☆ ☆ ☆

Circulam na California boatos de que Virginia Brown Faire está para casar com H. H. Van Loan, escriptor cinematographico bem conhecido. Acontece, porém, que apezar de separado da esposa ha bem uns dois annos, Van Loan não está legalmente divorciado. Teremos um outro caso?

## A NOSSA CAPA

FERN ANDRA foi uma das unicas actrizes que conservamos de memoria, depois da evasão dos films germanicos. A sua belleza rara e a sua arte incomparavel, realçadas brilhantemente desde *Madame Récamier,* foram a causa. Os dados sobre os artistas que figuram nos films europeus são sempre muito vagos. Sabe-se que Fern Andra nasceu no dia 24 de Novembro, ha vinte e tantos annos, e dizem que é americana de Watseka, Estado de Illinois, donde fugiu para trabalhar num circo, exhibindo-se guiando uma quadriga romana como se nos apresentou no film *Ondas da vida, ondas do amor,* indo depois para a Allemanha, onde entrou para o cinema. Dizem tambem que o seu verdadeiro nome é Fern Andrea, segundo alguns, ou Fern Andrews, segundo outros, e que a sua progenitora ainda vive na America, em Indianopolis. Fala-se ainda que é casada com um tal Barão Loupelier, mas não é verdade. O que é certo é que ella é uma vencedora da arte sem palavras e que possue uma grande maioria de admiradores no Brasil, que se não esquecem o quanto ella foi amorosa nas *Aventuras da Rainha Isabeau,* ardente em *Força impulsiva* e seductora em *Genuina,* o grande film futurista! Seu endereço é Koniggrasserstrasse 105, Berlim.

No proximo numero — LON CHANEY.

REX INGRAM, DIRECTOR DA METRO

*Alice Lake*

*Charles Ray no banho*

STUART PATON vae dirigir o primeiro film de Roy Stewart do novo contracto com a Universal. Nelle figuram Laura La Plante, Harold Goodwyn, Harry Carter, o temivel *fantasma pardo*, George Mac Daniels, Edith Yorke e Noble Johnson, o "sóla" de *Cody, o invencivel* e recentemente o escravo de Louise Glaum em *A mulher leopardo*.

☆ ☆ ☆

JACK BLYSTONE, director dos films comicos da antiga L-Ko, de Clyde Cook e Lupino Lane, vae dirigir Tom Mix, em *Tempered Steel*. Ainda bem. Quem negará que Tom Mix foi sempre um comico ?

☆ ☆ ☆

O director Frank Lloyd, nosso conhecido desde os seus velhos dias de actor da Universal, o homem que dirigiu *A ré mysteriosa* e muitos outros films de sensação, foi contractado pela

*Viola Dana antes do banho joga "base-ball".*

First National. Ultimamente elle dirigiu os films de Norma Talmadge — *Eternal flame*, *Voice from the Minaret*, *Within the law* e vae terminar *Ashes of Vengeance*, um film com o qual Joseph Schenck pretende gastar de 500 a 700 mil dollars.

☆ ☆ ☆

*The self made man* é um film da Universal dirigido por Jack Dillon, com Ethel Gray Terry e Crauford Kent nos principaes papeis.

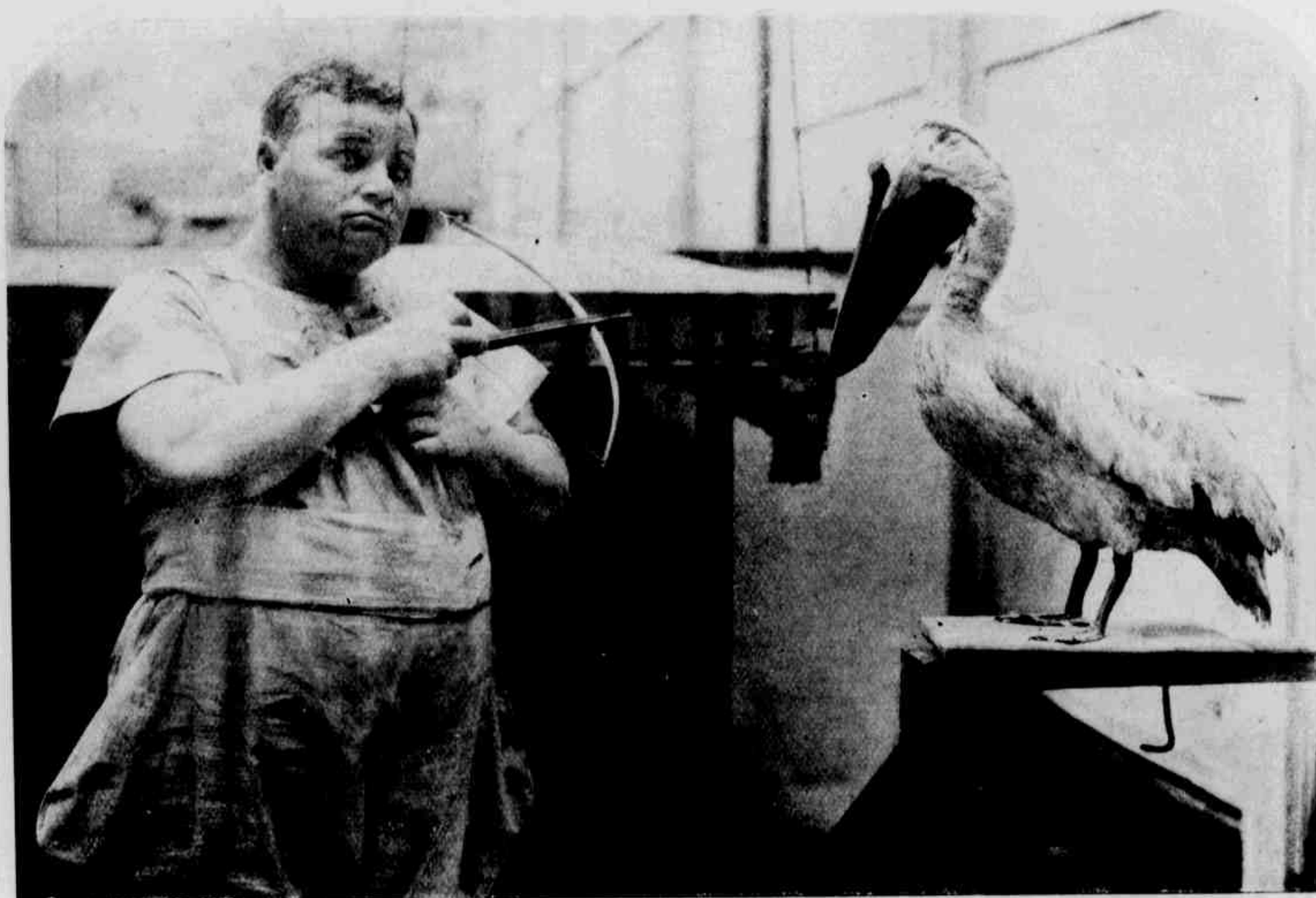
☆ ☆ ☆

O proximo film de John Gilbert para a Fox intitular-se-á *Cameo Kirby*. A direcção é de Jack Ford.

☆ ☆ ☆

Em *Eleventh Hour*, da Fox, além de Charles Jones e Shirley Mason, trabalham June Elvidge, Allan Hale, Richard Tucker, Fred Kelsey e Walter Mac Grail. Bernard Durning, marido de Shirley, dirige o film.

UMA GRANDIOSA SCENA DO

SCENA DO FILM *A HOMICIDA*

CHICO BOIA, O DESTERRADO

*Walter Hiers e Theodore Roberts*

*The girl I loved*, o ultimo film de Charles Ray, agradou aos criticos newyorkinos.

☆ ☆ ☆

Dorothy Mackail, a heroina do film *Mighty Lak a Rose*, que alcançou enorme successo devido ao seu trabalho, foi contractada pela Inspiration para *leading-woman* de Richard Barthelmess.

☆ ☆ ☆

Mae Murray, terminado o seu contracto com a Tiffany, vae fazer os seus films independentemente.

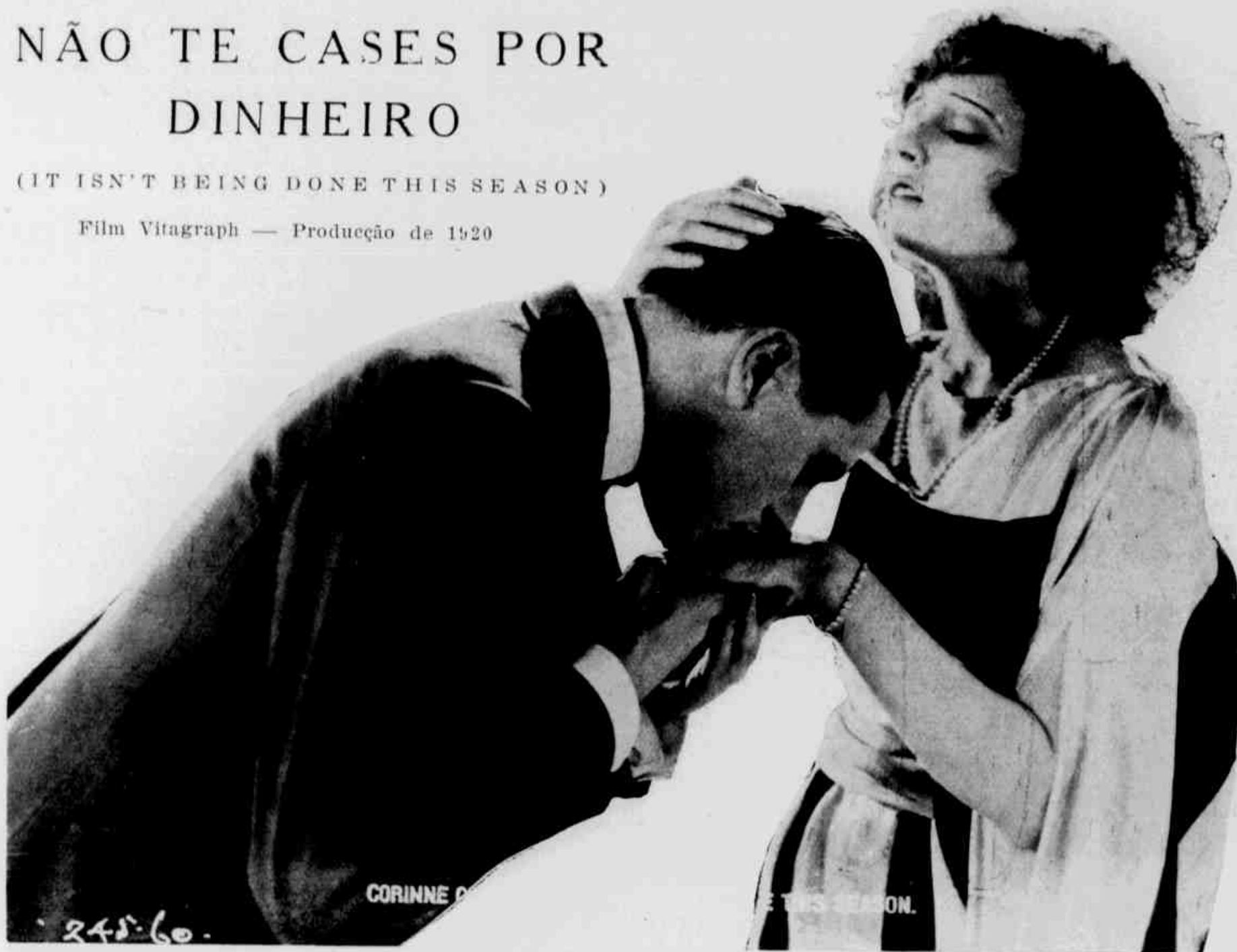
☆ ☆ ☆

Thomas H. Ince enviou uma copia do seu estupendo film *Civilisação* para o archivo do governo dos Estados Unidos.

*Walter Hiers chamando o vento*

# NÃO TE CASES POR DINHEIRO

(IT ISN'T BEING DONE THIS SEASON)

Film Vitagraph — Producção de 1920

DISTRIBUIÇÃO:

| | |
|---|---|
| Marcia Ventnor . | Corinne Griffith |
| Isabelle . . . . | Sally Crute |
| George Hunt . . | Charles Wellesby |
| Oliver Lawton . | Webster Campbell |
| Afeif Bey . . . | John Charles |
| Gladys . . . . | Nell Spencer |

OPINIÕES DA CRITICA

A historia não é lá grande cousa, mas o film é bem feito e moderno.

*Motion Picture News*

Bem scenarisado e bem dirigido.

*Moving Picture World*

Um film attrahente e bem apresentado.

*Exhibitor's Herald*

---

Mais uma semana e os ultimos recursos se exgotariam. Sua mãe não lhe deixara mais do que um pouco da amarga philosophia adquirida nos tumultuosos dias da sua existencia de cabotina.

—Nunca esperes nada dos homens, dizia-lhe a sua mãe no leito de morte. Ficarás desilludida. Explora-os sempre que puderes, porque se não o fizeres elles tudo se aproveitarão de ti.

Arranca delles o que fôr possivel, pois do contrario elles tudo te arrebatarão.

Essas palavras ficaram indelevelmente gravadas no espirito de Marcia, muito embora ella soubesse que outra não podia ser a philosophia *in extremis* de quem fôra como sua mãe, uma *marionette* doudejante e futil, que na sua vida de actriz representara todos os papeis, menos o de mãe carinhosa e desvellada.

Assim, sem nenhuma prenda, sem nenhuma habilidade para ganhar a vida, Marcia ver-se-ia de antemão votada a naufragar na luta pela existencia, se não sentisse nos seus dotes physicos e na sua elegancia natural elementos capazes de supprirem as lacunas de uma educação rudimentar.

Esses predicados eram tão accentua-

— *Nunca esperes nada dos homens ...*

— *Preparei esta faca de modo que a lamina...*

dos em Marcia que não podiam deixar de suggerir a Gladys Griselda, camarada de theatro de sua fallecida mãe, a idéa justa.

— Minha querida, disse-lhe ella, uma creatura como tu encontrará facilmente uma situação de manequim. Promoverei algumas apresentações para ti. E effectivamente, Marcia não tardou em ser acceita na *Maison La Rose*, onde, ao fim de algum tempo de trabalho, Madame confessava que a rapariga era *ravissante*, que vestido exhibido no seu corpo era vestido vendido.

Marcia, embora não duvidasse da sinceridade da modista, sabia, entretanto, que o que justificava sobretudo as exuberancias da patroa a respeito do seu *chic* era a presença de Oliver Lawton e Jorge Hunton no estabelecimento commercial.

Millionarios, fruindo grande prestigio social, é excusado accrescentar o que representaria para a caixa registradora de Madame a frequencia dos dois namorados na *Maison La Rose*.

Na verdade o romance de Mademoiselle, pouco interessava a Madame, mas o facto é que a sua opinião sobre os dois homens coincidia com a da moça, a favor de Lawton, não certamente pelos mesmos motivos, mas isso pouco importa. Mademoiselle preferia Lawton, não sabia porque, isto é, porque o amava: Madame preferia-o porque a sua pratica da vida dava-lhe mais esperanças sobre o herdeiro universal de um tio nababo do que sobre um commerciante de tapetes de Smyrna, como era Jorge Hunt, habituado a só fazer bons "negocios". Marcia preferia Lawton, mas quando o rapaz lhe falou em casamento, as palavras de sua mãe lhe soaram aos ouvidos como uma advertencia:

— Não te fies nunca dos homens!

— E se o tio não morresse? E se elle nada herdasse? E se ella fosse depois obrigada a penar sob o trabalho? Marcia teve vergonha de si mesma quando surprehendeu essa enfiada de interrogações no seu espirito, mas a philosophia de sua mãe persistia, impiedosa e má, e ella respondeu ao apaixonado que esperasse, que ella ia pensar. O semblante de Lawton annuviou-se:

— Tu escarneces de mim, Marcia, queixou-se elle.

A esse tempo, Hunt que se approximara do lado do manequim com intenções a que era completamente extranho o pastor, viu que se arriscava a perder a partida se não enveredasse pelo mesmo caminho matrimonial do seu rival e resolveu acceitar essa hypothese.

Para vencer a hesitação da moça, Hunt fez brilhar aos seus olhos as promessas de uma existencia de luxo e de prazeres, e Marcia, temendo ceder á tentação, procurou Oliver e confessou-lhe que, a principio, não o levara a serio, mas sentia-se agora arrependida; sua mãe envenenara-lhe a alma e ella entrara na vida com o espirito falseado.

Mas Oliver no intervallo da sua ausencia meditara seriamente e chegara á conclusão de que Marcia não valia o que na sua exaltação elle acreditara e que elle seria um refinado idiota se se arriscasse a perder a herança do tio, deixando de casar-se com a mulher que este lhe escolhera. Oliver pensou em tudo isso, mas como o seu amor por Marcia fosse a mesma força imperiosa e dominadora, elle propoz-lhe viverem fóra do casamento, até que seu tio mudasse de idéas. Marcia recebeu um grande choque com a proposta mas ella sabia como enfrentar um golpe, e tudo quanto a natureza lhe dera de encanto e seducção e graça voluptuosa, Marcia poz nos gestos e na voz com que lhe respondeu:

— Venha ao meu appartamento d'aqui a uma semana, ás 5 horas da tarde. Terá então a resposta.

No dia aprazado, depois de uma semana de torturas e anciedades pela duvida do effeito que sua proposta poderia ser causado a Marcia, Oliver correu ao *rendez-vous* e chegou justamente a tempo de ouvir as ultimas palavras do ministro a concluir o casamento de Marcia Ventnor com Jorge Hunt.

Fazia cerca de dois annos, quando Oliver encontrou pela primeira vez Marcia na rua. Estava viuva e tão bella como dantes. Mais bella mesmo. Ella contou-lhe que os dois annos de ausencia ella os passara com o esposo

(*Termina no fim da revista*)

*Pareceu-lhe ver a mulher nos braços do Bey*

# AS MÃOS DE NARA

(THE HANDS OF NARA)

*Film Metro — Producção de 1922*

DISTRIBUIÇÃO

| | |
|---|---|
| Nara Alexieff..... | Clara Kimball Young |
| Boris Alexieff .... | Conde John Orloff |
| Emlen Claveloux... | Elliott Dexter |
| Connor Lee ....... | Edwin Stevens |
| Adam Pine........ | Vernon Steel |
| Dr. Claveloux..... | John Miltern |
| Emma Gammell.... | Margaret Loomis |
| Mrs. Miller........ | Martha Mattox |
| Carrie Miller...... | Dulcie Cooper |
| Gus Miller........ | Ashley Cooper |
| Vanessa Yates.... | Myrtle Steadman |
| Mrs. Claveloux.... | Eugenie Besserer |

A estatua da Liberdade, dominando da sua altura e imponencia milhas em derredor, dera a Nara Alexieff a primeira sensação da segurança e da estabilidade do paiz que ella elegera para nova patria. Filha do conde Alexieff, ex-membro da embaixada russa em Washington, escorraçada pela revolução, depois de vaguear através a immensa terra convulsionada, Nara conseguira alcançar a Mandchuria, donde a missão americana lhe dera passagem para os Estados Unidos. Agora, ali no modesto quarteirão, em que se installara, o pesadello dos horrores passados se esbatiam mais e mais, transformando-se em esperanças de triumpho na terra livre.

Nara não tinha amigos nem relações ali, até o dia em que Connor Lee, outr'ora camarada de seu pae e prevenido da sua chegada por um amigo commum da Russia, veiu vel-a.

Lee poz-se á sua inteira disposição e achou que ella falava o inglez com muita correcção.

*As torturas soffridas por Nara na Russia...*

*... escorraçada pela revolução depois de vaguear...*

— Minha mãe era americana, explicou ella. E foi por isso que eu vim á America. Mas todos os meus parentes morreram e agora estou sem saber o que faça.

— Tendes belleza, minha menina, e um artista apreciaria os vossos serviços. Porque não experimentaes servir de modelo? Se isso falhar, lembrae-vos sempre que estou prompto a auxiliar-vos.

Nara acceitou os conselhos de Lee, e foi em consequencia disso que ella se encontrou no atelier de Adam Pine, joven artista compatriota seu, para quem as portas do triumpho se abriam sob o patrocinio da senhora Vanessa Yates, viuva do banqueiro.

— Vossas mãos são lindas ! — exclamara o esculptor logo á sua primeira visita. Deixae-me modelal-as. E juntando o pedido á acção, á medida que os dias se passavam no trabalho de modelagem, a frequentação diaria despertava em Nara uma extranha attracção para o artista e o numero das suas relações no mundo artistico americano crescia.

Entre estas figurava Emlen Claveloux, espirito profundo que fizera da sciencia a sua religião e que desse culto haurira a duvida e o materialismo da sua

— Já me sento e devo-o a você.

philosophia. Nara, porém, o interessava e prendera-lhe a attenção como mulher alguma até então o fizera.

Um dia, por occasião de um jantar em casa da Sra. Yates, Pine mostrou a alguns intimos as mãos que elle modelara. O Dr. Claveloux mostrou-se enthusiasmado, declarando que ellas "symbolysavam a vida subindo para a verdade". Um pouco mais tarde Claveloux perguntava a Nara se aquellas mãos não eram della e accrescentava que ella o interessara desde o primeiro instante. Sabia que a moça havia soffrido muito e gostaria que ella lhe contasse alguma cousa da sua vida.

Nara respondeu que sim, mas não ali naquelle meio, que lhe inspirava uma sensação de nojo; e como ajuntasse que ia retirar-se o doutor offereceu-se para reconduzil-a, pedindo-lhe acreditar que os seus sentimentos por ella eram de pura e sincera amizade. E quando chegaram ao seu apartamento, Nara, cheia de confiança, contou-lhe toda a sua vida, falando-lhe longamente dos seus soffrimentos na Russia. Quando terminou, Claveloux inquiriu-a:

— E Adam Pine, que representa elle para vós ?

— Foi por seu intermedio que eu conheci a Sra. Yates, informou a moça sem affectação. E como visse uma sombra no rosto do seu interlocutor ajuntou : — Para mim é um artista de grande talento, nada mais.

Claveloux estava positivamente fascinado e lh'o confessou francamente, nunca mulher nenhuma o interessara como ella.

Quando ambos regressaram á casa da Sra. Yates, viram que sua ausencia não havia sido notada. Mas pouco depois, Nara era abordada por Emma Gammell, secretaria da Sra. Yates que lhe dizia :

Nara, ide á sala oriental. A Sra. Yates está lá com... E terminou a phrase com um soluço, cujo sentido não escapou a Nara, que desde que a conhecera percebera a grande paixão da rapariga pelo joven artista. Nara correu para o logar indicado, mas antes que abrisse os reposteiros ouviu um tiro partir da sala e o criado sahir correndo, com uma pistola na mão.

Nara o agarrou e o homem murmurou :

— Não é justo que ella tenha tanto emquanto outros, como minha pobre filha, morrem por falta de um medico.

A moça increpou-lhe com severidade a acção inutil e má, tomou-lhe a arma, que metteu no bolso do seu vestido, e entrou na sala oriental, onde deparou com a Sra. Yates numa crise hysterica nos braços de Adam Pine. A esse tempo ali entravam tambem sua secretaria e o Dr. Claveloux, e a dama, que narrava ter sido victima de um attentado quando ali se achava a conversar com o artista, voltou-se para Emma e interpellou-a :

— Emma, onde estava você ? E quasi sem esperar a resposta, accusou : — —Foi você quem disparou o tiro. Você tentou matar-me por ciumes.

A rapariga levantou as mãos tremulas, mas seus labios paralysados pelo pavor nada puderam proferir. Nara, porém, interveiu em favor da secretaria, contestando que fosse ella a autora da tentativa, mas a sra. Yates não se deixou convencer.

Um instante após quando Claveloux se encontrou só junto de Nara, interpellou-a :

— Porque razão me mentistes? Havieis me dito que Adam Pine não representava nada para vós, mas vós o amaes. E vós os encontrastes juntos e tentastes matal-a.

Nara teve um gesto irreprimivel de espanto :

— Que ? ! Acreditaes isso ? E como o rapaz lhe dissesse que outra cousa não podia pensar, diante do revolver que vira em seu bolso, a moça lhe redarguiu com ironia :

— Ah ! procuraes a verdade e, no emtanto, deixaes que o cerebro diga o que pensa ao coração.

A attitude de Claveloux causou decepção a Nara e ella sentiu oscillar a sua fé na humanidade. Vieram-lhe ao pensamento os offerecimentos de Connor Lee, para ajudal-a em emergencias da sua vida e naquella mesma tarde ella bateu-lhe á porta. Lee a conversar com ella observava attentamente a sua belleza, e sentia que por traz daquella perfeição plastica, existia necessariamente

(*Termina no fim da revista*)

— *Porque eu acredito no milagre do amor...*

O QUERIDISSIMO E CONSTANTE PAR, J. WARREN KERRIGAN E LOIS WILSON, NUMA SCENA DO FILM "THE COVERED WAGON", ("BANDEIRANTES") DA PARAMOUNT

Victor Schertzinger foi escolhido para dirigir Jackie Coogan em seu primeiro film para a Metro, *Long live the King*. Jackie Coogan, como se sabe, recebe os mais altos salarios por seus films, rendendo-lhe cada um delles uma fortuna. Ainda recentemente, ao filmar seu contracto com a Metro, recebeu quinhentos mil dollars de luvas. Esse é o negocio grosso. Mas Jackie tem outro particular. Recebe para seus gastos (Jackie tem oito annos) particulares, satisfação dos seus desejos, etc., seis dollars por semana de trabalho (60$000 mais ou menos). Agora, em seus novos films, elle passa a vencer 10 dollars (95$000) por semana. Todo o dinheiro que Jackie tem ganho até aqui está depositado em bancos ou empregado em titulos de renda e sob a fiscalisação da magistratura até o pequerrucho attingir á maioridade.

☆ ☆ ☆

O contracto de Mae Busch com a Goldwyn é pelo prazo de cinco annos. Essa artista depois do seu triumpho em *Esposas ingenuas*, da Universal, foi trabalhar com a Goldwyn, sendo escolhida para o papel de "Gloria Quayle" n'*O Apostolo*, de Hall Caine, que tão grande successo obteve. Mae Busch é australiana, de olhos pardos e cabellos pretos.

1) *Max Fisher, maestro de uma orchestra de* Jazz; *Willard Mack, galã e autor do film* Your friend and mine, *da Metro, e Clarence Badger, o director.* 2) *Bull Montana.* 3) *Fred Niblo, o grande director de* Sangue e areia, *dirigindo o film* The famous Mrs. Fair, *da Metro.*

☆ ☆ ☆

Em *Red lights*, da Goldwyn, trabalham Marie Prevost, Raymond Griffith, Johnnie Walker, Alice Lake, Dagmar Godowsky, Lionel Belmore, Jean Hersholt, etc.

☆ ☆ ☆

Será *The Rendezvous* o terceiro film de Marshall Neilan para a Goldwyn.

☆ ☆ ☆

Lucille Ricksen, de 14 annos de edade, é a nova descoberta do astronomo Thomas Ince. Deve figurar no film *Country laws and City pavements*, ao lado de Madge Bellamy, sob a direcção pessoal de Ince, e em *Rendezvous*, de Marshall Neilan.

☆ ☆ ☆

Mae Allison fará o papel principal em *The Sign*, em que figuram tambem Rockliffe Fellowes e Ethel Shannon, sob a direcção de Jane Murfin, autora tambem do enredo.

☆ ☆ ☆

Thomas Ince adquiriu os direitos para filmar *Anna Christie*, um dos maiores successos theatraes de 1922 nos theatros americanos.

☆ ☆ ☆

A First National contractou Sylvia Breamer, Virginia Brown Faire e Andrée Lafayette.

Antonio Moreno, que era muito amigo de Wallace Reid, foi occupar os aposentos que este sempre teve nos *studios* Lasky, em Hollywood. Esses aposentos foram agora remobiliados sob a direcção da noiva do joven hespanhol, hoje primeiro galã da Paramount.

☆ ☆ ☆

Rex Ingram deve reapparecer na tela, como galã de sua propria esposa, Alice Terry, em um dos films que por contracto está produzindo para a Metro.

☆ ☆ ☆

Glenn Hunter firmou contracto com a Paramount para apparecer em seus films. O joven e já famoso artista, sobre o qual publicámos uma chronica de Helio Lobo, recentemente, apparecerá em *The Side of Paradise*, sob a direcção de Cecil B. de Mille.

☆ ☆ ☆

Harold Lloyd e sua joven esposa Mildred Davis, depois de uma viagem a S. Diego e S. Francisco, voltaram para Los Angeles e estão residindo no Ambassador Hotel. Parece que Mildred Davis retirou-se definitivamente do cinema.

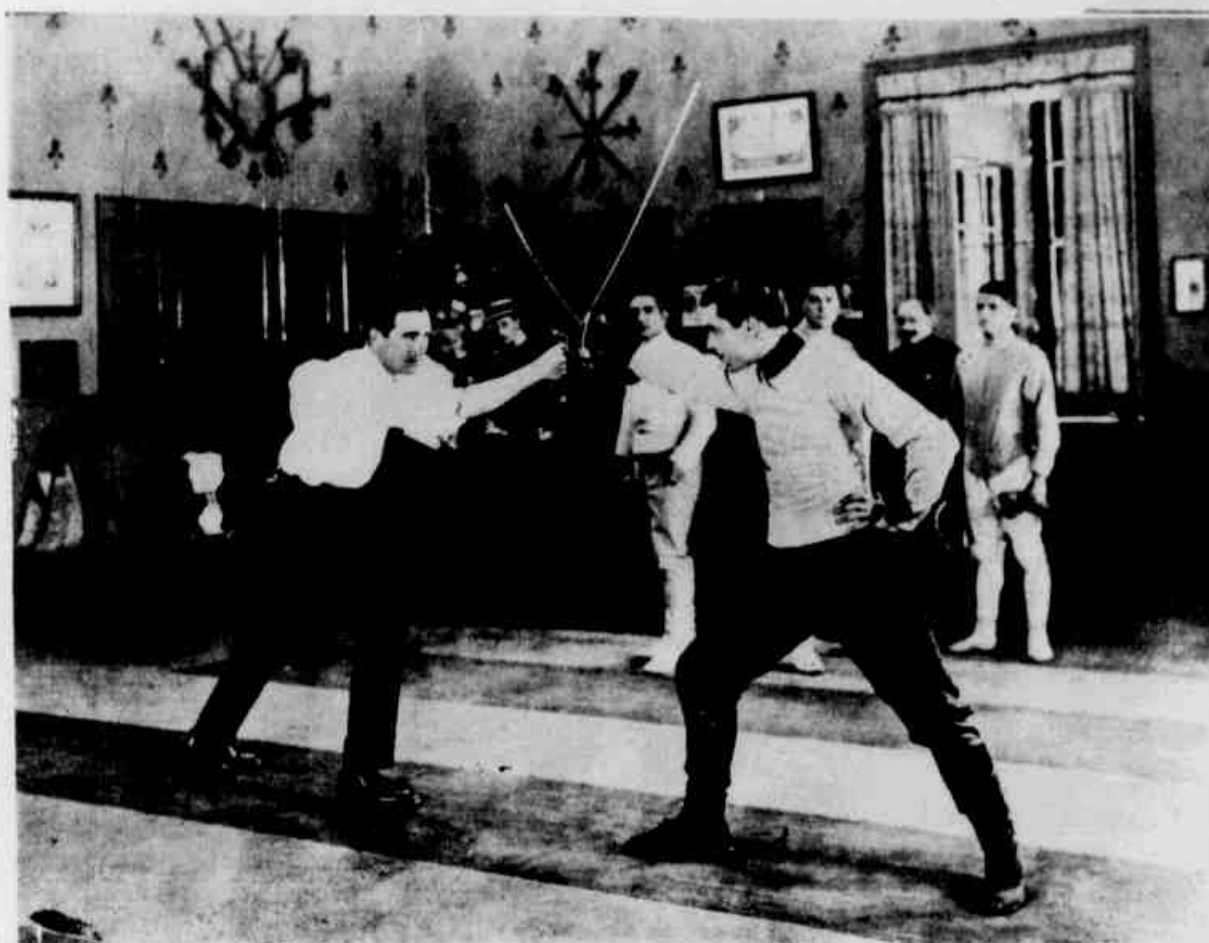
☆ ☆ ☆

Chama-se Winnie Brown a artista que em *Bella Donna* foi escolhida para substituir Pola Negri em alguns exercicios physicos arriscados a que não está habituada a actriz polaca. Winnie Brown é um *cow-girl* destemida.

☆ ☆ ☆

Norma Talmadge está atacada de um accesso equitativo ou de equitação, nesses ultimos tempos. Esse gosto veiu, diz ella, depois de ter visto *The Hottentot*.

Earle Williams deixou a Vitagraph, passando-se para a Metro. Trabalhará sob a direcção de Louis B. Mayer. Havia 12 annos que Earle trabalhava para aquella empreza.

☆ ☆ ☆

John S. Robertson vae dirigir Richard Barthelmess e Mary Astor em *The fighting blade*, film extrahido de uma novella de Beulah Marie Dix, que se passa nos tempos de Cromwell.

1- *Billie Dove.* 2) *Viola Dana na praia.* 3) *Rex Ingram e Ramon Navarro esgrimindo.*

☆ ☆ ☆

Florence Turner foi outr'ora uma famosa *estrella*. Hoje ganha a vida nos *cabarets* inglezes fazendo imitações das *estrellas* famosas.

☆ ☆ ☆

Rodolph Valentino firmou contracto para dansar com a mulher em uma *tournée* por todo o territorio dos Estados Unidos, á razão de 6 mil dollars por semana (55 contos mais ou menos), além das percentagens sobre as receitas liquidas dos espectaculos.

☆ ☆ ☆

Fred Thompson, ex-marido de Frances Marion, acaba de firmar contracto com a Universal para fazer um serie de *series* com Ann Little.

☆ ☆ ☆

O casamento de Colleen Moore e Joseph Mc Cormick está annunciado para se realisar em Agosto. Colleen já usa o annel de noivado, de platina com um brilhante e duas esmeraldas.

ALFRED GERASCH, ACTOR ALLEMÃO, E GINA RELLY, ARTISTA FRANCEZA, EM UM FILM DA UFA

Phil Ainsworth, o primeiro marido de Barbara La Marr, anda agora ás voltas com a policia de Los Angeles, por ter emittido um cheque de 25 dollars contra um banco no qual não tinha fundos. Os dois separaram-se em 1917. Depois disso a irrequieta artista já experimentou mais tres vezes o matrimonio, tendo ha mezes se separado do quarto marido, Nicholao B. Deely.

☆ ☆ ☆

Dorothy Gish partirá breve para a Italia a encontrar-se com a irmã, Lillian, que filma na peninsula *The White Sister.*

☆ ☆ ☆

O *studio* da Cosmopolitan em New York foi victima de um incendio quando Marion Davies filmava *L'ttle Old New York.*

☆ ☆ ☆

Frances Marion que dirigiu varios films de Mary Pickford e depois abandonou o megaphonio pela penna (penna ou machina de escrever ?) volve agora a dirigir films para a Cosmopolitan. O primeiro será *The Daughter of mother magims*, com Colleen Moore no principal papel.

☆ ☆ ☆

*Robin Hood*, o ultimo film de Douglas Fairbanks, custou 986 mil dollars, coisa ahi de uns nove mil contos.

☆ ☆ ☆

De volta aos Estados Unidos, depois de permanecerem dois annos inteiros nas selvas africanas, chegaram os celebres viajantes e naturalistas Mr. e Mrs. Martin Johnson, trazendo comsigo alguns milhares de metros de film contendo episodios da vida das feras. A Metro adquiriu o direito de exploração desses films.

☆ ☆ ☆

Fred Niblo está terminando os preparativos para filmar *Capitão Applejack*, peça theatral de successo, de autoria de Walter Hackett, em que Matt Moore e Enid Bennett tomam parte.

☆ ☆ ☆

*And Old Sweetheart of Mine*, famoso poema de James Whitcomb Riley, foi passado por Harry Garson para a tela, com Elliott Dexter e Helen Jerome Eddy nos principaes papeis. A Metro será a distribuidora.

# MOLLY O'

( MOLLY O' )

*Film Mack Sennett — Producção de 1921 — Direcção de F. Richard Jones*

DISTRIBUIÇÃO

| | |
|---|---|
| Molly O'.......... | Mabel Normand |
| Fred Manchester.... | Lowell Sherman |
| Dr. John Bryant.... | Jack Mulhall |
| Miriam Manchester . | Jacqueline Logan |
| Tim O'Dair........ | George Nichols |
| Sua esposa ........ | Anna Hernandez |
| Billy O'Dair........ | Albert Hackett |
| Jim Smith.......... | Eddie Gribbon |
| Albert Faulkner..... | Ben Deely |
| Mrs. Jas. W. Robbins | Gloria Davenport |
| Antonia Bacigalupi . | Eugenie Besserer |

OPINIÕES DA CRITICA

Mabel Normand é simplesmente uma grande figura nas comedias de Mack Sennett.

*Moving Picture World.*

Um dos melhores divertimentos apresentados nesta estação.

*Exhibitor's Trade Review.*

E' um outro *Mickey.* (*Miquinha,* já exhibido no Central).

*Motion Picture News.*

E' um film que captivará as maiores audiencias.

*Exhibitor's Herald.*

*... vem mettida no meu proprio vestido...*

"Qual é o nome da ditosa creatura cujo retrato pertence a este espaço ?"

Tal era a legenda de um espaço em branco nas columnas do "Pres Dispatch", ao lado da photographia do Dr. John Spencer Bryant, joven medico e cirurgião, esplendido exemplar da raça humana e herdeiro de uma bella fortuna. Era um simples *truc* de jornal que conhece a psychologia do leitor e deseja alimentar o fogo sagrado da boa circulação.

A falar a verdade a noticia não tinha fundamento, mas qual a moça casadoira da sociedade que deixaria de interessar-se vivamente pela charada do jornal, cujo conceito era na futura esposa do Dr. Bryant ? Não era outro, por exemplo, o caso de Molly O'Dair, de quem a noticia attrahiu immediatamente a attenção.

*Era Fred Manchester que estava com a sua esposa*

Seus olhos demoraram-se no retrato do rapaz e ella teve a impressão de que elle lhe sorria; depois, passou a fitar o espaço em branco e na alvura do papel foi surgindo pouco a pouco, traço a traço, até se precisar com vigorosa nitidez um semblante gracioso que não lhes foi difficil reconhecer — a propria Molly O'Dair.

— Oh ! não será para uma rapariga como eu, mas para uma princeza de sangue real a felicidade de conquistar um coração como o teu ! suspirou ella comsigo mesma.

E nesse momento Molly ergueu os olhos e percebeu Jim Smidt, o auxiliar de seu pae, que lia tambem o jornal por sobre os seus hombros.

A moça enrubeceu, como surprehendida em flagrante delicto, mas Jim não comprehendeu o motivo do pudor de Molly, tendo nelle apenas a deixa para a replica que lhe ditara Timotheo O' Dary.

— Molly O', seu pae pensa que já é tempo de falar-lhe no seu casamento, começou Jim Smidt. Elle acha que conhecendo-nos mutuamente como nos conhecemos... Mas a moça não o deixou proseguir : não, elle era um bom rapaz, ella o apreciava muito, não queria magoal-o, mas, pelo amor de Deus ! esquecesse tal idéa.

—Se eu me casasse com você, Jim, teria de abandonar os meus sonhos, e elles me têm levado muito alto para que eu desça com facilidade.

E a rapariga tinha razão, porque ella não parecia ser feita do mesmo

*Molly O' era uma especie de flor exotica...*

barro que os da sua familia e nada ter de commum com as outras raparigas do quarteirão. O proprio Jim sentia essa cousa sem saber explical-a. Molly O' era uma especie de flor exotica plantada no jardim de Billy O' Dair, naquella pobre rua.

Caprichos da natureza... Nem Molly O' mesma poderia definir a distancia que a punha fóra, muito longe daquelle ambiente de pobreza e de trabalho, com a cabeça sempre cheia de phantasias e chimeras, mal tendo olhos para ver sua mãe sempre curvada sobre o tanque de roupa ou agarrada ao ferro de engommar.

Nesse estado de espirito, Molly O' ao sahir de manhã levando o almoço para seu pae no trabalho deteve-se a admirar a faustosa limousine que estava parada ao canto da rua, com o chauffeur a dormitar sobre o *guidon*. Não era elemento essencial dos seus sonhos uma limousine ? Molly O' lançou olhos cupidos para o interior do carro, observou o chauffeur, inspeccionou em torno de si e, então, de mansinho abriu a portinhola da limusine e enfiou-se, deixando-se afundar no assento ricamente estofado. E pouco depois quando a limousine partia, seu peito se dilatava num grande sorvo de ar e seu espirito voou nas azas da phantasia. Ella era a formosa dama que regressava do sarau esplendoroso, onde se vira proclamada a bella dentre as bellas. O homem sentado ao seu lado vestia vistosa roupagem, como o Principe Encantado dos livros de historias, e as feições lhe eram familiares. Mas a limousine parara e Molly O' comprehendeu que já não havia mais razão para continuar no carro e assim, com ares de grande dama, ella desceu do carro.

A alguns passos de distancia estava um homem, extraordinariamente parecido com o seu Principe Encantado, que ao vel-a descer franziu os sobrolhos. Mas a nuvem desfez-se rapida do seu semblante e elle sorriu e tirou o chapéo á estranha viajante do seu automovel, emquanto subia para o carro. Era o Dr. Bryant e a limousine lhe pertencia.

Confusa e envergonhada Molly O' despachou-se rua abaixo, pensando no juizo que o doutor estaria a fazer della.

— Pobre creaturinha ! — foi o que pensou o Dr. Bryant, percebendo na sua grande comprehensão de verdadeiro medico, a exacta significação daquelle gesto da rapariga. No dia seguinte quando Molly O' sahia da casa ouviu um grande alarido que partia da habitação vizinha, em que sobresahia a voz do pequeno Giuseppe, sobrinho de Pacigalupi. Correndo a ver o que se passava, ella encontrou a dama Frescobaldi com a creança nos braços, emquanto alguem telephonava ao doutor.

O menino gritava desesperadamente e Molly tomou-o comsigo, acalentando-o carinhosamente.

O pequeno abrandou o choro, emquanto sua tia explicava que aquillo lhe dera de repente, logo após a refeição.

Nesse momento, a porta abriu-se e o doutor entrou — o unico doutor da pobreza daquelle bairro e que nunca deixara de attender a um chamado da clientella, a quem elle dava as receitas e, não raro, os remedios.

Terminado o exame, o medico só então deu attenção aos circumstantes, e, deparando com a rapariga da aventura do seu automovel, cumprimentou-a sorrindo.

E pouco depois, restabelecida a calma na pobre mansarda, Molly O', com a sua trouxa de roupa e com a marmita de seu pae, via-se convidada pelo medico para conduzil-a aonde ella tinha de ir e partia na macia e rica *limousine*.

Se o doutor não estivesse tão entretido com o contentamento que a

(*Termina no fim da revista*)

*...mas o joven medico arrebatou-a á furia paterna...*

# NINGUEM

( N O B O D Y )

*Film First National — Producção de* 1921

DISTRIBUIÇÃO

| | |
|---|---|
| Miss Smith........ | Jewel Carmen |
| John Rossmore.... | William Davidson |
| Tom Smith........ | Kenneth Harlan |
| Mrs. Fallon ....... | Florence Billings |
| Hedges ........... | J. Herbert Frank |
| Mrs. Rossmore .... | Grace Studiford |
| Hiram Swansey.... | George Fawcett |
| Norton Silsworth.. | Lionel Pape |
| O secretario de Rossmore .......... | Henry Sedley |
| Mrs. Van Cleek... | Ida Darling |
| Clyde Durant...... | Charles Wellesby |

OPINIÕES DA CRITICA

Boa historia de mysterios que podia ter melhor desfecho.

*Wid's.*

Qualquer audiencia gostará deste film.

*Exhibitor's Trade Review.*

Bom film, apresentando a historia de um assassinato mysterioso.

*Motion Pictures News.*

Todos vão prestar uma grande attenção, quando *Ninguem* for exhibido.

*Moving Picture World.*

*— Oh! John Rossmore regressou de Florida...*

— Isto aqui é horrivelmente monotono, — dizia Tom Smith á sua mulher, reclinando-se na cadeira de lona, a contemplar com ar de enfado aquelle recanto de Palm Beach, onde se reunia, áquella hora, a multidão elegante de ociosos, hospedes dos hoteis *fashionables* da praia.

*... sombra muda e indifferente a tudo...*

— Achas isso, — retrucou-lhe a esposa, — porque o que te satisfaz é só a vida tumultuaria de negocios da grande metropole. Quanto a mim, adoro a vida mundana, que se torna positivamente encantadora quando se tem a companhia de uma sra. Fallon, vastamente relacionada e que vos põe em contacto com tudo quanto é distincto na sociedade.

— Não posso dizer que sympathise muito com essa dama, — observou Tom, franzindo o cenho. — Acho-a muito *blasée*. Fuma cigarros e bebe *cocktails* como um homem e parece-me nas fronteiras da honestidade...

— Oh! não sejas irreverente; ella é apenas uma dama de apurada elegancia. Devo-lhe a gentileza de varias apresentações extremamente apreciaveis.

— Parece-me que te queres referir particularmente ao grande financeiro John Rossmore, — accentuou, francamente, Tom.

— Sim, a elle entre outros, — re-

*E pouco depois ella verificava que Hedges era eximio em preparar um banquete*

trucou a mulher, corando. — E que tem isso?

— Tinha alguma coisa, — insistiu o marido, — tinha que tal individuo não gosava de muito boa reputação onde houvesse mulheres bonitas.

E Tom já havia notado as attenções do banqueiro para com ella. E era sobre isso que lhe cumpria dizer, afim de que se acautellasse contra as familiaridades com Rossmore.

— Oh! Tom, — exclamou a esposa, — se o que acabas de dizer não fosse uma tolice, seria um insulto para mim! Como te pode passar pela idéa que eu pense em outro homem que não sejas tu?

Tom fitou-a e sorriu, desculpando-se; mas como não ter ciumes quando se tinha uma esposa formosa e encantadora?

A palestra dos jovens esposos foi, nesse momento, interrompida por um creado, que trazia um telegramma para Tom.

— Tenho de seguir para New York, — disse elle quando terminou a leitura do despacho telegraphico. — Negocio importante e urgente. Tu podes ficar aqui mais uma semana e depois virei buscar-te.

A mulher aborreceu-se: como ia elle deixal-a sósinha, já tão cedo, em plena viagem de nupcias?

Tom, porém, fez-lhe ver que não podia leval-a numa viagem apressada de negocios.

E quando Jewel Smith voltava da estação, aonde fôra acompanhar o marido, ouviu chamarem seu nome de dentro de uma rica *limousine* e não poude recusar o convite que lhe fazia a sra. Fallon para conduzil-a ao hotel, muito embora fosse esta a sua vontade, vendo a pessoa que estava em companhia da dama — Rossmore. Este, logo que o carro se poz em movimento, disse-lhe que havia organisado com a sra. Fallon um cruzeiro no seu hiate de recreio, para o qual escolhera um grupo reduzido de espiritos selectos, e contava que ella lhe fizesse a honra de fgurar entre elles. O convite alvoroçou o espirito da pobre moça, que sempre ouvira coisas maravilhosas a respeito do hiate de Rossmore e da opulencia com que elle honrava os seus convivas a bordo. Entretanto, as palavras de seu marido ainda estavam frescas na sua memoria, e ella esboçou uma recusa, que a sra. Fallon, no seu atilamento de alcoviteira elegante, percebeu não ser preciso muito trabalho para remover.

— Que tolice, — falava ella, entre protectora e camarada, — prometter ao marido não se distrahir! De resto, não havia necessidade que elle soubesse; ninguem commetteria a indiscreção de dizer-lh'o.

Taes razões abalaram a fragil convicção da moça e, no dia seguinte, depois das ultimas hesitações que ante aquelle acto representava uma traição ao seu esposo, a joven Sra. Smith seguia com a alegre companhia para a embarcação de Rossmore, que, immediatamente, levantava ferros e partia.

O tempo estava ameno. Rossmore tratava seus convivas como principes e a viagem corria sob uma impressão de encantamento para Jewel. Apesar disso, ella se preoccupava com a volta, mas Rossmore informou-a de que voltariam tarde, para poderem gosar amplamente as delicias da temperatura. Jantariam a bordo e elle esperava que o *menu* estivesse a seu gosto.

E, na verdade, pouco depois Jewel verificava que Hedges, o creado-mordomo de Rossmore, era eximio na arte de preparar um banquete. Porém, melhor do que as iguarias era a adega de Rossmore. Vinhos dos mais capitosos corriam pelas taças e derramavam o tonico da alegria nos espiritos. Quando terminou o *des-*

(*Termina no fim da revista*)

*Ah! Agora começava a comprehender a causa do desastre*

Pavilhão de Caça e Pesca

EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL DO CENTENARIO

*Mais do que nunca, a Exposição está em voga. As lindas tardes, as noites maravilhosas deste fim de outomno, a abertura do pavilhão das grandes industrias de Portugal, os continuos motivos de curiosidade do grande certamen têm levado áquelle recanto deslumbrante da cidade uma immensa multidão, cada vez mais enthusiastica.*

Um aspecto de diversos pavilhões nacionaes

## C I N Z A . . .

*Todas as horas da meia noite*
*São minhas horas, todos os dias...*
*Mundo de açoite*
*Que nostalgias...*

*Clarão de bruxa, bruxedo acceso,*
*... E o luar de cera bem derramado...*
*Quanta tristeza*
*Deus do passado!...*

*E o soletrado, pesado peso*
*De um céo de fogo, como tesoura...*
*... E corta e doura*
*A natureza.*

✣

*Soluçam vozes na voz da vaga...*
*... E, solitario na voz das cousas,*
*Traduzo lousas,*
*O pó que esmaga...*

*Bruxas, bruxedo, tudo isto é morto...*
*... E amortalhado no meu caminho,*
*Bebo o meu vinho,*
*Vejo o meu horto...*

*Horto das dores, horto dos partos...*
*E esta tristeza varando o mundo*
*... Pomar tão fundo*
*De pomos fartos...*

*Espelham dores, dores e dores...*
*... E o derramado desta tristeza*
*E' a natureza*
*Num mar de flores.*

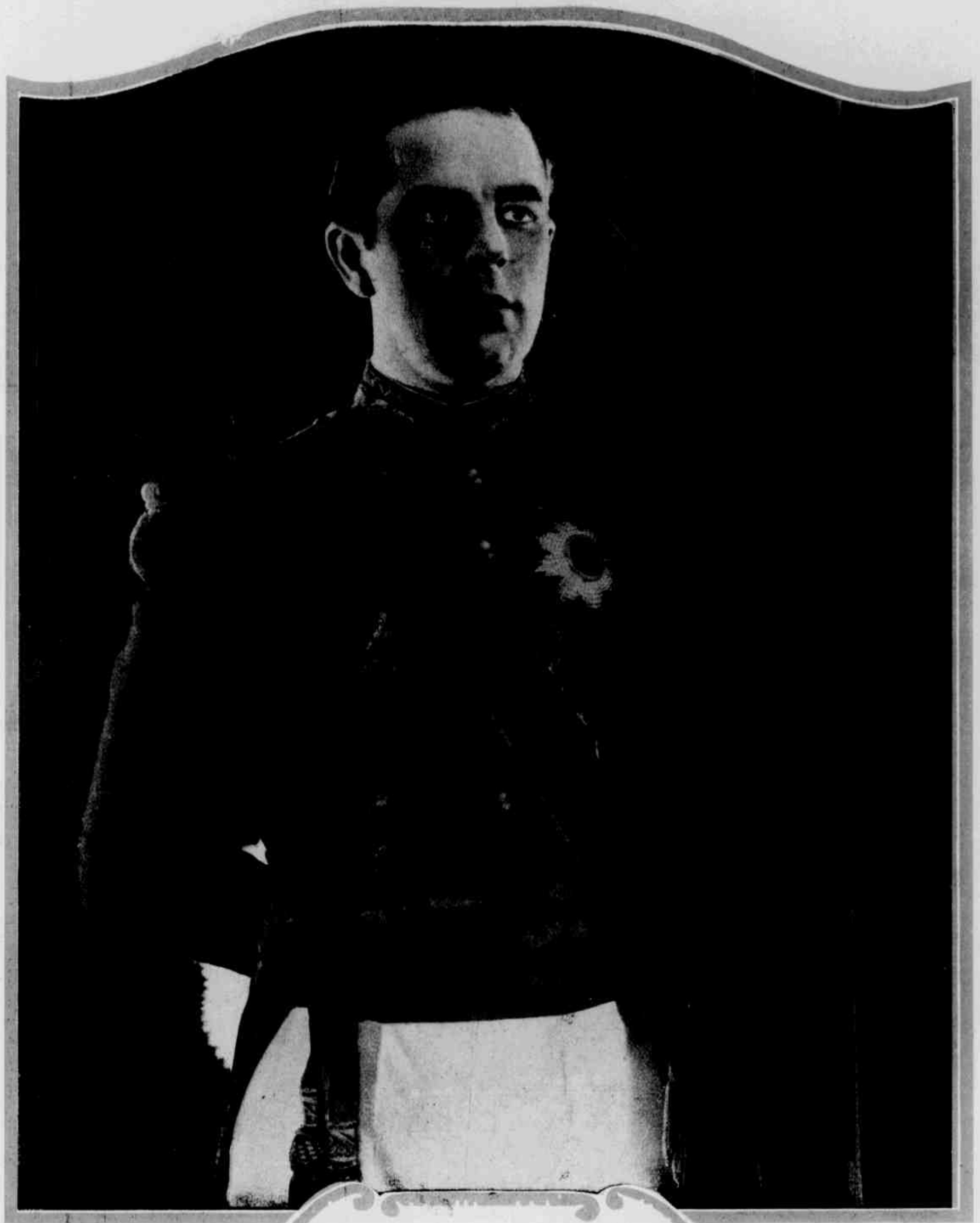
✣

*Sombra sombria dos bancos...*
*Os jardins, quando desertos,*
*A' meia noite são brancos...*
*... E os passos nos são incertos...*

JOÃO LINS CALDAS.

Dr. J. Marinho Soares Junior, conhecido chimico-pharmaceutico e industrial, autor de diversos preparados medicinaes de grande voga, entre os quaes o *Dynamogenol*. Amanhã, dia de seu anniversario, receberá de seus innumeros amigos e admiradores expressivas e cordeaes felicitações.

RIO CHIC — CASA SELECTA — AVENIDA RIO BRANCO, 128

A unica casa no genero que apresenta diariamente novidades, tendo casas de compras em Paris, Hamburgo e New York. — Grande sortimento de bolsas e carteiras por preços inegualaveis.

ANTONIO MORENO

NO FILM DA PARAMOUNT

"MY AMERICAN WIFE"

# AS SACRIFICADAS

( HAIL THE WOMAN )

*Film Associated Producers. — Producção de 1921*

DISTRIBUIÇÃO

| | |
|---|---|
| Judith Beresford. | Florence Vidor |
| David Beresford. | Lloyd Hughes |
| Olivier Beresford | Theodore Roberts |
| Mrs. Beresford.. | Gertrude Claire |
| Nan Higgins.... | Madge Bellamy |
| Seu pae........ | Tully Marshall |
| Joe Hurd....... | Vernon Dent |
| Wyndham Gray.. | Edward Martindel |
| Richart Stuart... | Charles Meredith |
| Mrs. Stuart..... | Mathilde Brundage |
| A creança....... | Eugenia Hoffman |
| David Junior.... | Murial Frances Dana |

OPINIÕES DA CRITICA

*Hail the woman* é baseado num thema que toca a alma e o coração, e, portanto, mantem um continuo interesse na audiencia.

*Moving Picture World.*

E' um film de grande emoção.

*Exhibitor's Trade Review.*

Um documento bem humano e excepcionalmente bem trabalhado.

*Motion Picture News.*

Uma grande combinação de talentosos artistas numa grande historia cinematographica.

*Exhibitor's Herald.*

---

*... com uma expressão transtornada pela colera...*

David Beresford estava para chegar de volta da Academia com os estudos concluidos. Esse regresso era uma especie de marco na estrada da vida para tres pessoas: seu pae, o velho Olivier Beresford, que nessa manhã, ao render graças ao Creador, terminado o almoço, elevou a voz e implorou: "Nosso amado e caro filho se dedicará ao vosso serviço, Senhor ! Guiae-o no futuro como o guiaste no passado": Judith, sua irmã, para quem David, que vinha de fóra, do contacto com o mundo, era uma especie de janella por onde ella vislumbraria um pouco da vida, respiraria um pouco do ar que o seu temperamento sadio e vivaz reclamava, mas que a severidade dos principios paternos lhe tolhia; Nan Higgins, finalmente, era a terceira pessoa que esperava anciosa a chegada de David. Quando elle se fôra, terminadas as ferias em Março, dissera-lhe: "Até Junho !", mas já era Setembro e isso explicava a impaciencia que a fizera passar toda a manhã na estação, ás intemperies do vento rispido do outomno, aguardando o trem. Felizmente a hora já se approximava. O velho Beresford já chegava tambem á estação, trazendo a familia no *troly*. Com que maneiras rudes e grosseiras atirava elle as redeas do animal ás mulheres, descendo do carrinho para a *gare* !

*O pequeno gostava immenso de sua tia Judith.*

— Oh ! David é differente... Eu não tenho medo delle... pensava Nan, vendo de longe, amedrontada, o ar carrancudo e os gestos rispidos do velho pae de David.

E na verdade, nenhuma semelhança com o velho tinha aquelle rapaz que acabava de descer do trem, esbelto e sorridente, abraçando e beijando sua mãe e irmãsinha e que se dirigia para tomar o *troly*.

— David ! Sou eu... sou Nan...

David ouviu a voz que o chamava e voltou-se.

Os outros já haviam dobrado o canto da estação.

— Ah ! tu Nan !... E olhando cauteloso para os lados: Olha, Nan, deixa-me... Aqui não; logo mais irei á tua casa. Meu pae deve ignorar o que se passou entre nós, do contrario está tudo perdido...

A rapariga não teve remedio senão deixal-o partir.

— Tudo perdido... tudo ignorar... Não era clara a significação egoistica dessas palavras, com as quaes David se affirmava bem um Beresford? pensava ella, emquanto o rapaz se afastava em companhia dos seus. Pois poderia o seu pae ignorar? Não teria elle de conhecer toda a catastrophe? E tropega, sentindo nos membros a lassidão que lhe ia n'alma, apoiando-se aqui e acolá para não cahir, Nan caminhou para casa, na esperança de que o pae já tivesse sahido. Se ainda estivesse em casa ella entraria sorrateira no jardim, iria para os fundos e aguardaria a partida do velho progenitor. Mas a cancella rangeu e a porta do *cottage* abriu e a figura do velho assomou entre os batentes.

— Onde estiveste? bradou o velho Higgins, agarrando-a pelas mãos. Que historia é essa de sahir antes do almoço e com melhor vestido?

Nan supplicou-lhe que a deixasse: fôra a qualquer parte. Mas o pae insistia, saccudindo-a brutalmente, com uma expressão transtornada pela colera. Nan tentou ainda uma desculpa, mas a voz morreu-lhe na garganta, percebendo a suspeita horrivel nos olhos do pae.

— Que? será verdade, Santo Deus?! Tu foste!... Tu estás?...

Mas Nan nada mais ouviu porque a vista se lhe escureceu, a cabeça começou a girar e foi-se-lhe a consciencia das coisas. Quando ella voltou a si, a voz do pae não perdera nada do seu furor.

— Quem é elle? O nome desse homem, para que elle pague o mal que fez.

A desventurada não pretendia falar, mas involuntariamente seus labios deixaram escapar:

— David...

— O joven Beresford? bradou o pae esboçando no rosto um rictus mais horrivel do que o da colera que antes lhe transtornava as feições. Que felicidade! Oh! o velho está em condições de pagar bem, para evitar o escandalo, disse elle dirigindo-se á porta.

Nan tentou detel-o, mas o velho cynico declarou que a honra do nome Higgins e os seus sentimentos paternos valiam algum dinheiro. Vendo-o partir, a rapariga pensava que David agiria com correcção, revelaria que elles estavam casados regularmente por um pastor, como aliás provava a certidão que ella tinha em seu poder. David havia de salval-a, tinha confiança nelle.

Mas quando seu pae voltou, uma hora depois, Nan adivinhou, pela má contracção que lhe arregaçava os labios, que David não havia dito toda a verdade. E Higgins chasqueava:

— Era de ver a cara que fez o velho... Jurou por quantos nomes ha na Biblia... E mettendo a mão no bolso, Higgins retirou um maço de notas. Aqui está o dinheiro que elle deu... mil dollars.

Nan tinha a sensação de um grande vacuo em torno de si. Ah! David não dissera que ella era sua esposa, e elle sabia que ella poderia dizel-o, mas sabia tambem que só diria se assim elle quizesse. Veiu-lhe então um riso irresistivel e ella disse:

— Acho que foi barato o negocio. Pae, deves agradecer-me. Tens com que passar o inverno descansado e para te embriagares toda a estação...

— Fecha essa bocca! bradou o patife. E lembra-te que ninguem deve saber dessa historia. Assignei um papel, elle me fez assignar um papel...

— Oh! ninguem jámais saberá, affirmou a filha livida ao pae. E depois para si mesma: "Ninguem saberá, David! A tua reputação está salva... Não te envergonharei, deixando que saibam que amaste uma desgraçada como eu!"

E na madrugada seguinte, fazendo uma trouxa de seus pobres trapos, Nan tomava o trem para a grande cidade. Aos poucos que perguntavam por ella, o canalha do pae informava que a filha fôra trabalhar em New York.

Olivier Beresford, puritano rigido, ficou satisfeito quando soube da partida; o peccado de David desapparecia com as provas do delicto.

— Esqueçamos essa historia; o rapaz arrependeu-se da sua leviandade e o Senhor o perdoou, disse o velho á filha, quando Judith tentou timidamente interceder pela pobre Nan.

Judith não insistiu, porque sabia que demonio era aquelle homem, pastor de almas — que todos julgavam uma alma em communhão com o Deus de bondade — quando se via contrariado. De resto ella propria temia por si. Oh! se elle desconfiasse que os seus passeios eram simples escapulas ao appartamento de Wyndham Gray, o talentoso romancista que já havia dobrado a casa dos cincoenta e cuja vida, até o momento em que elle conhecera aquella pequena provinciana de alma soffrega e ardente, fôra a de um verdadeiro recluso. E eram para Judith instantes divinos, horas religiosas, as que ella passava na bibliotheca do escriptor, em doce *tête-a-tête*, ouvindo-o ler paginas admiraveis dos grandes mestres do estylo, e delle tambem, entre chicaras de chá saboreadas lentamente, com delicia. Judith voltava daquellas visitas num suave estado de exaltação, que a transportava para longe, muito longe, do ambiente mesquinho e grosseiro em que vivia. Nunca lhe passara pela mente que alguem pudesse dar outra significação, que a de pura espiritualidade, as suas visitas ao escriptor, até o dia em que ouviu seu pae gritar o seu nome e encontrou, ao chegar em baixo, Joe Hurd, typo de provinciano embotado e rude, cuja côrte ella repellia de fórma cathegorica, e, evidentemente, fôra o ignobil alviçareiro.

*O filho de David ficou sendo o idolo da casa.*

— Este senhor diz a verdade, confirmou a moça, designando Joe Hurd, sem olhar para elle. Tenho ido muitas vezes á casa do Sr. Gray, com o qual falo de coisas que não comprehendeis. Lemos poesias, fujo um pouco da vida horrivel que vivo no meu lar.

Olivier Beresford mal podendo acreditar nos seus ouvidos puritanos, exigia da filha a promessa de nunca mais ver o tal homem, nunca mais ler taes livros.

Mas Judith respondeu *tranchant*:

— Não prometto nada disso, mas prometto nunca me casar com este es-

(*Termina no fim da revista*)

LEATRICE JOY

NO FILM

"A HOMICIDA"

O *commodore* Stuart Blackton, depois de uma ausencia de dois annos na Inglaterra, tempo em que por signal lançou cinematographicamente Lady Diana Manners e tentou os films coloridos, acaba de volver ao seu antigo posto de vice-presidente da Vitagraph, que parece vae dar grande impulso, em novos moldes, á sua producção.

☆ ☆ ☆

Os alumnos do Pamona College, em Claremont, na California, acharam as construcções que vão servir para o film *The Hunchback of Notre Dame*, da Universal, um logar excellente para estudar a historia da Edade Média.

☆ ☆ ☆

Nos novos episodios do film *Valentões da arena*, que a Universal está preparando, Reginald Denny continúa a ser o *Kid Roberts*, Hayden Stevenson o emprezario e Elinor Field a *Dolores*. Gertrudes Olmstead apparece tambem no seu primeiro papel de seductora.

*Ronged Lips* é o primeiro film que Viola Dana vae *posar* depois da operação de appendicite que soffreu. A direcção é de Harold Shaw, marido de Edna Flugrath.

☆ ☆ ☆

Os directores de scena que trabalham actualmente para a Metro são: Rex Ingram, Fred Niblo, Harold Shaw, Allan Holubar, Reginald Barker e Robert Z. Leonard.

☆ ☆ ☆

*The fighting Blade* é o futuro film de Richard Barthelmess.

## AS SACRIFICADAS

*(Fim)*

pião tagarela, disse apontando para a figura estupida de Joe.

Sua mãe, alarmada ante aquella manifestação inesperada de rebeldia da filha, e temendo as consequencias da ira sagrada do seu puritano marido, interveiu.

Mas Judith, admirada agora de que fosse tão facil libertar-se de uma situação que durante tantos annos lhe parecera irremediavel, falava ao pae com altivez e desenvoltura. Que elle e ella nunca se haviam entendido; o proprio Deus que adoravam era differente; o delle era um Deus severo, rancoroso, impiedoso; o della era um ser de bondade e de infinita doçura. Ia-se embora, para onde pudesse adorar o seu Deus á sua propria maneira.

Durante dois annos, poucas foram as noticias de Judith na sua villa, até que um dia a gente da terra leu nos jornaes da grande metropole a nova do seu noivado com o millionario Richart Stuart.

— Vocês viram o retrato della no jornal ? Um millionario !... Conhecerá elle o seu passado ?

Esses e outros eram os amaveis commentarios da aldeia e da inveja sobre Judith. O pae não a perdoaria nunca, sabia-o a mãe, por isso escondia com cuidado o jornal que trazia a noticia do pequeno romance de sua filha. Oliver Beresford tinha, de resto, todos os pensamentos absorvidos pelo grande triumpho da sua carreira — a proxima installação de seu filho David como pastor da egreja em que elle proprio havia sido baptisado. Isso era a prova visivel de que o Senhor abençoara os Beresford, os distinguira do resto do rebanho de miseros peccadores.

— Eu clamei pelo Senhor, dizia Oliver citando o Evangelho, quando seus visinhos falavam cheios de respeito e admiração em David, e Elle me ouviu. David é um rapaz direito e realisará uma grande obra na diffusão do Evangelho.

Higgins ouviu e riu maldoso. Os mil dollars ha muito haviam voado, e nunca mais elle soubera de Nan. "Direito! murmurou elle. E' um bom patife !" Mas Higgins não revelou o que sabia de David, não por dignidade, mas por medo de Oliver, que a crendisse popular dava como um verdadeiro eleito do Senhor.

David quando chegou correspondeu perfeitamente ao orgulhoso retrato que delle fazia o pae; as vestes de pastor assentavam como uma luva naquelle homem de maneiras e attitudes devotas.

Na manhã em que elle devia pregar o seu primeiro sermão, David partiu cedo para o templo com seu pae.

A velha Beresford, que ficara entregue á sua labuta caseira, viu-se de repente surprehendida por uma visita que ella estava longe de esperar.

Risonha e alegre, Judith entrara sem se annunciar, colhendo a velha mãe nos braços. Terminadas as effusões de ternura, a velha attentou, então, para a creança que a filha trazia comsigo. Sem lhe dar tempo para perguntar, a moça explicou:

— E' nosso, mamãe. Recebi-o da sua mãe agonisante, que me fez prometter-lhe trazel-o para junto de ti, pois que elle é teu neto — filho de David.

As faces mirradas da velha tomaram uma expressão severa, emquanto ella exclamava:

— Oh ! aquella rapariga perdida... a tal Nan Higgins ?

— Nan Higgins não, mamãe, replicou Judith com voz timbrada; a mulher de David que elle preferiu abandonar a reconhecer; a mulher com que elle se casou secretamente e que negou depois; a mãe de seu filho que elle deixou na rua, obrigada a ganhar o alimento para seu filho — Nan Beresford !

A velha cahiu em pranto : não era possivel que seu filho fosse tão mau, elle que naquelle mesmo instante prégava o seu primeiro sermão...

Judith ergueu a cabeça bem alto:

— Meu pae, proferiu ella, escreveu ao homem que eu amo — declarando que agia no serviço do Senhor — tentando convencer a Richart que eu era uma mulher sem reputação. Mas Richart — e a voz de Judith tornou-se de ternura — rasgou a carta e me beijou...

Na egreja, David, do alto do pulpito contemplava a massa dos fieis, tendo nas faces um sorriso de celeste brandura. Seus olhos passeavam demoradamente pela nave do templo, mas, de subito, todos viram a sua physionomia alterar-se.

Acompanhando a direcção do olhar do joven pastor, divisaram uma encantadora figurinha a caminhar em direcção do pulpito, cuja escada o petiz galgou, parando junto de David.

— Titia Judie disse que você é meu pae ! falava o menino na sua vozinha aguda e clara. Meu nome é tambem David e minha mãe chamava-se Nan.

— Donde vens tu ? proferiu David com os dentes cerrados.

E as palavras do menino cahiram a prumo no silencio da casa do Senhor:

— E' Deus que me envia !

O velho Oliver Beresford levantou-se agitado:

— E' mentira ! Dize-lhes que é mentira, David, bradou elle com voz hesitante e tremula.

Mas David, como unica resposta, abaixou-se, apanhou o menino, e, apertando-o nos braços, mostrou-se no pulpito, não como o ministro nem como o santo, mas como uma pobre creatura humana.

— E' a verdade de Deus, exclamou elle com humildade. Pensava pregar-vos um sermão, mostrando a maneira de se viver dignamente. Em vez disso eu vos contarei a historia de um grande peccado, e talvez isso vos ensine melhor. E sem tremer, embora com o rosto tomado de uma grande pallidez, David Beresford fez a sua confissão, emquanto Oliver soluçava debruçado no hombro de sua esposa e Judith, pela primeira vez na sua vida, ajoelhava-se e orava. Quando as ultimas palavras do joven pastor morreram no silencio do templo, apenas quebrado pelos soluços abafados que partiam de todos os pontos do auditorio, o velho pastor ergueu-se e impoz silencio com a mão:

— Meus irmãos, falou elle, aquelle dentre nós que for sem peccado que censure o peccado deste homem. Vamos todos para as nossas casas, com muita humildade, pensando muito e falando pouco. Mas antes de nos retirarmos, cantemos juntos o hymno "*Obra Deus os seus milagres por caminhos mysteriosos*".

## AS MÃOS DE NARA

*(Fim)*

uma poderosa força mental. Tal convicção fizera-lhe pensar no que esses predicados poderiam representar relativamente á realisação de planos que elle tinha em mente.

— Essas mãos, começou elle, afiladas, magneticas, artisticas, possuem uma grande força sobre um mundo com que nunca sonhastes. E geitosamente, gradativamente, o homem fez-lhe acreditar que ella seria capaz de consolar os afflictos, curar os doentes e dar a felicidade ás creaturas humanas. Depois indagou-lhe: — Não conheceis alguem que necessite de vossos soccorros ?

A moça fitava-o offegante, como sob a influencia de uma extranha magia.

— A filha do criado da Sra. Yates, murmurou Nara.

— Ide a ella, ordenou Connor Lee, e dizei-lhe que podeis salval-a, que é Deus quem vos envia.

A moça quiz protestar que aquillo seria uma mentira, mas Lee replicou-lhe que ella de nada sabia; que fosse e não deixasse morrer uma innocente. Nara partiu compellida por uma especie de poder sobrenatural. Ao chegar á porta do criado Miller, encontrou o Dr. Claveloux, que vinha de ver a pequena enferma e lhe declarou que ella não viveria até a manhã seguinte.

— Nem com toda a vossa sciencia, vosso cerebro, vossa força ? interrogou ella.

Claveloux respondeu seccamente que era medico e não feiticeiro, e despediu-se de Nara, que entrou na pobre habitação. Os paes da doente estavam inconsolaveis. Nara lhes falou :

— E' ELLE quem me envia para salvar vossa filha. O homem apontou-lhe o quarto da filha e informou á sua mulher :

— Ella é a dama russa que me protegeu esta noite.

Ao chegar-se ao leito do entesinho que soffria e que lhe dizia ter ouvido a sentença do medico, Nara a animou dizendo que tivesse fé, ella não morreria se acreditasse na omnipotencia d'AQUELLE que a havia enviado. Ao mesmo tempo que isso se passava na casa de Miller, em casa do Dr. Claveloux feria-se uma outra batalha contra as sombras da morte. Era a mãe deste, esposa do Dr. Haith Claveloux, que entre a vida e a morte zombava do poder da sciencia.

A Sra. Yates, depois do incidente que quasi lhe custara a vida, restabelecera-se completamente, mas todas as pessoas das suas relações notavam uma grande modificação no seu caracter. E' que ella meditara profundamente e aprendera a sopesar os valores da vida. Uma tarde, numa reunião em sua casa, a Sra. Yates e os circumstantes ouviram a narrativa da senhorita Yorke, cujo pae fôra desenganado pela sciencia, dizia ella, e em seguida salvo por uma extranha rapariga, conhecida pela designação de "A Presença".

O Dr. Emlen Claveloux que estava presente, commentou que era mais um dos taes fakires, charlatães de que seu pae havia desmacarado muitos.

Nara proseguiu na sua tarefa piedosa e miraculosa, sem se aperceber da maneira por que Connor Lee explorava commercialmente seu maravilhoso poder.

Certo dia este a informou de que com os casos de cura operados pela moça, eram justamente onze — elles haviam conseguido uma pequena fortuna e que dentro em breve poderiam dedicar-se inteiramente aos pobres.

Nara, porém, o interpellou sobre a razão do segredo em torno das suas curas, como se se tratasse de uma burla, quando ellas eram uma realidade.

—Temos o Dr. Claveloux e seu filho, a receiar, respondeu Lee, elles são archi-inimigos de tudo quanto é mysterio.

Não se passara muito tempo dessa conversa e Nara recebia a communicação da visita do Dr. Haith Claveloux. Lee achou prudente não apparecer e Nara recebeu sósinha o visitante, que se mostrava visivelmente agitado. Ninguem sabia da sua visita, nem o proprio filho. Tinha ouvido falar das estranhas faculdades de Nara. Mas a moça o interrompeu compadecida do seu estado de nervos; que elle esperasse um pouco, ia buscar-lhe uma chicara de café, elle teria tempo de se acalmar e conversariam então. Dirigindo-se á cosinha, Nara passou pelo aposento de Lee e chamou-o. Não obtendo resposta ella abriu a porta e a sala estava vasia. Sobre a mesa havia uma carta endereçada a ella e Nara leu :

— Adeus ! Volto para a Inglaterra. Se eu ficar aqui, as cousas poderão tornar-se más para vós.

Nara não deu maior importancia ao facto e quando voltou á sala, o Dr. Haith falou-lhe com irreprimivel angustia. Elle temia para aquella noite a perda do que lhe era mais caro na vida. Esgotara todos os recursos da sciencia. Não acreditava no sobrenatural, mas diante de tortura como a sua tudo desapparecia. Que ella fosse com elle, supplicava o velho num supremo sacrificio de todos os seus preconceitos. E assim Nara installou-se á cabeceira da mãe do homem que ella amava. Pouco a pouco a Sra. Claveloux foi recobrando as forças parecendo definitivamente conquistada á morte. Ia o restabelecimento em franco progresso, quando o joven Dr. Claveloux, que estava ausente, chegou. A noticia causou uma grande perturbação em Nara, que tratou de se furtar á vista do rapaz, quando este entrou no quarto da mãe.

Desencadeara-se nessa noite uma violenta tempestade. Nara, recolhida ao seu quarto, parecia encontrar uma sorte de apasiguamento para a sua alma na furia dos elementos. Approximando-se da janella para sentir o contacto da natureza, a rapariga enfiou os braços pela janella e a um relampago mais forte, o Dr. Emlen que estava num quarto fonteiro, reconheceu-a, e pouco depois batia-lhe de mansinho á porta.

— Perdoa-me, Nara ! exclamou elle depois de beijal-a ardentemente. Vi suas mãos através das trevas e perdi a cabeça. Passado o arrebatamento elle interrogou : — E que fazeis aqui em casa de meu pae ?

— Vim curar vossa mãe, informou a joven.

Emlen ficou perplexo. Era impossivel. A companheira de um charlatão, de um explorador, não podia ter o poder de curar ninguem. Dizendo isso, elle levou a moça á presença de seu pae e numa especie de exaltação censurou o velho. Elle que passara toda a sua vida a combater o charlatanismo, trazia aquella moça para sua casa, uma impostora, que nunca fizera nada. O pae replicou-lhe que ella havia curado sua mãe; Nara disse-lhe que havia salvo a filha de Miller, quando Emlen a desenganara, mas a nada o joven scientista quiz attender. Diante da vehemencia do rapaz, Nara sentiu abalada a sua fé em si propria, e foi direita á Sra. Claveloux. A doente estava sentada e, ao vel-a, disse-lhe alegre :

— Vê querida, já me sento, e devo-o a você.

— Não, contrariou a moça, deveis isso á vós mesma, á vossa fé. Eu apenas fiz que a senhora acreditasse que viveria.

— Quem é que a faz falar-me assim? admirou-se a velha dama.

— Vosso filho, respondeu a moça com um ar de profunda fadiga.

— E' elle alguma cousa para você ? A moça respondeu que não, apenas elle duvidava della e sem fé nada se conseguia. A doente poz-se a meditar e, em seguida, com esforço, agarrando-se aos moveis, foi á sala onde estavam seu marido e seu filho que receberam cheios de jubilo aquella prova definitiva do seu restabelecimento. Em resposta ella disse ao filho que fosse para junto de Nara, a quem ella tudo devia e de quem ella precisava mais do que ella propria. Mas o quarto da rapariga estava vasio.

Na manhã seguinte o Dr. Emlen Claveloux era chamado com urgencia por Miller para ver Nara que elle trouxera para casa ferida. A cousa fôra verdadeiramente inesperada. Nara passava pelo bairro pobre onde sua caridade tanto se fizera sentir. Tendo a filha de Miller apontado o anjo que havia salvo, a moça viu-se repentinamente cercada por uma multidão dentre a qual muitos reclamavam seus serviços. Como ella se excusasse, lembrando-se das palavras duras e crueis de Emlen, ergue-se da massa uma voz accusando-a de gananciosa, que só tratava dos ricos que a enchiam de dinheiro.

Os insultos choveram e Miller vendo o perigo que a sua bemfeitora corria voou a protegel-a.

Mas não evitou que uma pedra attingisse a pobre moça.

Dez minutos após, o Dr. Claveloux entrava em casa de Miller.

— Porque viestes aqui ? perguntou-lhe Nara com voz sumida, quando elle se dispunha a examinal-a.

— Porque queremos que volteis para nossa casa, Nara, respondeu elle carinhosamente, tomando-a nos braços. Porque eu acredito no milagre, no milagre do amor que tu me fizeste conhecer desde o primeiro instante em que te vi.

E pela primeira vez, depois de muitos annos, Nara conheceu a felicidade de que se mostrara tão digna.

---

## N I N G U E M

*(Fim)*

*sert*, Jewel tinha as faces afogueadas e ria, ria muito, com um amortecimento nos olhos que contrastava singularmente com a excitação dos seus gestos.

— Mais uma taça, — insistia Rossmore.

— Oh! não! Já passei da conta — oppunha-se ella, com a voz gaguejante e arrastada.

— Não faça feio! — interveiu a sra. Fallon.

— Pois então vá! — balbuciou ella, erguendo a taça que Rossmore havia enchido, — A' saude de todos!

Mal havia, porém, ingerido o liquido, Jewel teve a sensação, apesar do seu estado de embriaguez, de que bebera alguma coisa mais do que puro champagne. Empallideceu, agarrou-se á mesa, a taça cahiu das mãos e ella mesma teria teria tombado no chão se Rossmore não a amparasse nos braços. O incidente poz termo ás libações que prolongavam o jantar e os restantes convivas subiam ao convez, emquanto Rossmore levava Jewel para uma sala e ali ficava com ella.

Não se passava muito tempo e todos se precipitavam a verificar que gritos eram aquelles. Quando chegaram, Jewel jazia estendida entre almofadas e Rossmore explicava:

— Bebeu de mais; entoxicada. Parece que está com as idéas transtornadas... não reconhece o logar em que está.

O commandante do hiate recebeu ordem de aproar para terra immediatamente, e, na manhã seguinte, quando ancoravam, Rossmore e a sra. Fallon verificavam, alarmados, que Jewel voltara a si, mas perdera por completo a memoria.

— E' um caso declarado de aphasia, — declarou Rossmore, estarrecido.

— E agora, que vamos fazer? — indagou, anciosa, a sra. Fallon. — Deixal-a no hotel sem ninguem que cuide della não é possivel. Mas tambem eu não sei onde se encontra seu marido. E' o diabo!...

— O recurso é leval-a para New York, — alvitrou Rossmore. — Se não puder deixal-a em casa do marido, aqui tem a chave do meu apartamento para o que der e vier. Eu sigo já tambem e depois nós nos veremos.

Quando a sra. Fallon desembarcou em New York e tentou despachar a sua victima num taxi, furtando-se a acompanhal-a com receio de encontrar-se face a face com Tom Smith, a infeliz demente oppoz-se tenazmente. Temendo um escandalo, a alcoviteira não teve outro remedio senão enfrentar o perigo. Tom estava, effectivamente, em casa e quando viu a esposa chegar naquelle estado, recebeu um choque terrivel.

— Mas como foi que ella ficou nesse estado? — indagou elle agoniado.

E a sra. Fallon mentiu:

— Não sei, nem ninguem sabe. Encontramol-a assim e achei do meu dever não abandonal-a.

Smith agradeceu a bondade da mulher e fez vir um medico immediatamente.

O facultativo declarou tratar-se de caso de perda de memoria. Isso, ás vezes, vinha naturalmente, sem causa apparente, mas, outras vezes, era produzido por um choque violento. Elle emprehenderia a sua cura, que esperava operar-se, e, quando ella ficasse boa, então explicaria a origem do mal. Até lá, repouso absoluto, nada que lhe excitasse os nervos.

E assim começou uma vida de verdadeiro martyrio para Tom Smith, que sentia a alma dilacerada ante o espectaculo da esposa, que elle tanto amava, reduzida á condição de sombra muda e indifferente a tudo quanto a cercava, não conhecendo nem a elle proprio. Os dias assim corriam monotonos e crueis, até que, uma tarde, sentado ao lado della, Tom lia um jornal e teve a sua attenção attrahida por uma noticia social.

— Oh! John Rossmore regressou da Florida, — exclamou elle, falando alto.

Ao pronunciar o nome do financeiro, Tom admirou-se de ver a esposa arregalar os olhos e seu rosto tomar uma expressão particular.

Tom exultou, aquillo denotava o despertar da memoria. Ia levar a nova ao medico.

Logo que o marido se ausentou, a enferma apanhou o jornal e passeou os olhos pela pagina, detendo-os na noticia sobre Rossmore. O seu esforço mental era visivel e algumas imagens começaram a associar-se; essa elaboração cerebral foi, entretanto, interrompida pela volta do marido acompanhado do medico.

Este examinou-a, concordou que a doente apresentava alguns signaes promissores e depois inquiriu de Tom qual o facto que dera occasião áquelle retorno de consciencia. O esposo não se lembrava de nada particular, tudo quanto se passara fôra a leitura de uma nota no jornal, referente a um cavalheiro das relações delles.

— Mas houve qualquer motivo particular para que o nome desse homem despertasse um interesse maior em vossa esposa? — indagou o mestre.

E como Tom respondesse que não, o facultativo aconselhou-o, então, a continuar a repetir com frequencia tal nome, para que ella ouvisse.

Tom assim procedeu e qual não foi o seu horror quando, tomando as mãos da esposa e annunciando-lhe que Rossmore estava de novo em New York, viu encolher-se apavorada e supplicar:

— Não deixe esse homem approximar-se de mim! E' um ser diabolico!... Não te recordas da noite em que elle nos levou ao seu hiate... como me encharcou de champagne? E quando elle se fechou commigo no quarto e pretendeu violentar-me, eu o repelli com toda a energia...

Tom ergueu-se, aterrado! Ah! agora elle começava a comprehender a causa do desastre... E uma furia louca apoderou-se do seu espirito.

— Miseravel! — vociferou elle, — hei de matar-te como um cão que és!

E partiu em busca de Rossmore, mas só chegou ali depois de alguma demora, em consequencia dos obstaculos de transito na via publica.

Ao penetrar nos aposentos de Rossmore, Tom ficou assombrado: este jazia por terra, morto.

Em cima da mesa havia papeis sobre o processo de divorcio intentado pela esposa do financeiro. No chão um pedaço de papelão attrahiu-lhe a attenção e elle abaixou-se, verificando com espanto que se tratava de um fragmento da sua propria photographia, que em tempos elle puzera na medalha da esposa.

Tom viu tudo num relance: sua esposa havia-o precedido ali e tomara o desforço do ultraje. Era, portanto, preciso tratar de pol-a agora a coberto das suspeitas da policia, e Tom partiu como um relampago, mas na precipitação esqueceu-se de levar o fragmento comprometedor do seu retrato. Chegando em casa suas suspeitas se confirmaram. A esposa ali estava pallida e excitada, atirada sobre um *fauteuil*, e a enfermeira informou que ella havia illudido sua vigilancia e sahido. Nesse momento Tom recebeu a visita de um detective, que o convidava a acompanhal-o á policia; elle era accusado de assassinato de John Rossmore. Tom Smith acceitou a acusação e foi encarcerado. Passava apenas uma hora da sua reclusão, quando elle viu apparecer, de pulsos algemados, Hedges, o criado de Rossmore, que foi atirado na prisão. No dia seguinte a sua surpresa foi grande, quando o carcereiro veiu pol-o em liberdade, dizendo que o verdadeiro criminoso fôra descoberto: era o proprio criado de Rossmore, Hedges, que peitado pelo patrão para prestar testemunho falso no divorcio desse com a esposa ficou furioso por ver os seus serviços dispensados e por não receber, portanto, a paga que esperava, visto que o divorcio se resolvera amigavelmente, e assassinou Rossmore.

—Mas felizmente para o Sr. houve uma testemunha que o surprehendeu na pratica do crime, do contrario o Sr. ia pagar pelo que não fez. Tom saltou de alegria: sua esposa não era como elle suppunha a autora do delicto. E o rapaz voou para casa, onde ao chegar a enfermeira o recebeu á porta, dizendo-lhe que havia boas novas.

— A senhora, quando, hontem, o senhor foi levado para a prisão, recobrou inteiramente a razão.

Na sala, Tom encontrou a esposa, que o esperava de braços abertos. E quando se sentaram, lado a lado, ella falou-lhe do pesadelo horrivel que a angustiara.

— Sei tudo, — replicou-lhe o es-

poso, — ouvi dos teus proprios labios durante o teu estado de semi-inconsciencia destas ultimas horas. Mas não vale a pena remexer coisas tristes, agora que está tudo acabado.

— Tudo não, — atalhou a mulher. — Deus, felizmente, concedeu-me a razão de novo, justamente a tempo de te salvar.

— Tu?! — interrogou o marido numa exclamação.

A esposa, então, narrou-lhe:

— Hontem, quando sahiste, apesar do estado meio perturbado em que estavam minhas idéas, comprehendi o sentido das tuas palavras, dizendo que ias á casa de Rossmore. Segui os teus passos para evitar uma catastrophe. Eu possuia uma chave do apartamento de Rossmore, que a sra. Fallon me havia dado. Quando entrei na bibliotheca de Rossmore, ouvi rumor e escondi-me atraz de um reposteiro. Era elle que entrava discutindo com Hedges, que reclamava 5.000 dollars e que elle recusava. Quando elle acreditava que Hedges havia ido embora, concebeu um plano repentino para comprometter e livrar-se do creado. Para isso, dirigiu-se ao telephone, e, chamando a policia, denunciou Hedges como lhe tendo roubado 5.000 dollars. Hedges, que ainda estava na casa, ouviu o chamado e a denuncia. Mal Rossmore deixava o apparelho, eu vi o creado surgir com uma expressão no olhar que não enganava; e, um segundo após, Rossmore rolava no chão, espiando a sua vida má e perversa. Tudo isso eu narrei á justiça.

— E affirmaste assim a criminalidade do homem, — murmurou Tom, impressionado.

— Mas estabeleci a tua innocencia, meu querido, respondeu a esposa.

Tom Smith tomou a fragil creatura nos braços e, apertando-a muito, muito, contra o peito, sussurrava-lhe:

— E agora, minha queridinha, nunca mais eu te deixarei sósinha...

---

## MOLLY O'

*(Fim)*

rapariga manifestava, teria percebido o grupo de excursionistas que elle deixara momentos antes, dirigido por sua noiva, passar do outro lado.

— Mas já se viu coisa semelhante a essa do Dr. Bryant? Pôr no seu automovel a filha da minha lavadeira! — exclamou a senhorita Manchester para o individuo de nome Faulkener, que ia a seu lado.

Miriam Manchester era uma aventureira audaciosa e habilissima, que não havia muito chegara a New York, depois de percorrer as cinco partes do mundo, trazendo em sua companhia um irmão, Fred, e o tal Faulkner, que havia arrebanhado em Calcuttá.

Velhaca e inexcedivel na labia, ella conseguira "engazopar" o doutor, como ella propria dizia aos seus comparsas, sensibilizando-o pelo seu lado fraco — o espirito de philantropia e o seu grande amor pelas creanças — e Bryant não tardou a ver nella uma preciosa collaboradora da sua obra. Esta era a noiva de Bryant.

Houve uma outra pessoa que não approvou a gentileza do medico e esta foi o pae de Molly O'. Quando o automovel parou junto á fabrica em que elle trabalhava e ella desceu com o almoço que lhe levava, o homem sentiu-se vexado sob os olhares maliciosos dos seus companheiros e disse ao doutor:

— Eu vos agradeço muito ter trazido minha filha, mas peço-vos não continuar com esses passeios.

Bryant riu com bom humor:

— Adeus! sr. O'Dair; gostarei de estreitar maiores relações com um pae que sabe apreciar o valor da sua filha, como vós.

Molly O' sentiu uma grande tristeza vendo o automovel afastar-se, pensando que talvez nunca mais se repetiria aquelle encontro; entretanto, da profundeza do seu ser subia uma voz a segredar-lhe a puerilidade dos seus receios.

Na semana seguinte Molly O' acompanhava com interesse e torturante prazer as noticias sobre os preparativos do grande baile politico que se annunciava. Era uma dessas festas habituaes em que os candidatos

confraternizam com os eleitores nas vesperas do pleito; as barreiras sociaes desapparecem nesse momento para só surgirem depois das eleições. As portas do theatro onde se realizava a festa estavam abertas a todo o mundo. Jim Smith convidou Molly O', e esta que, entre as pessoas da sociedade que havia tomado camarote para assistir ao baile, lera o nome de Bryant, desejava ardentemente estar presente: seria uma opportunidade para ver o seu principe encantado. Mas Molly O' recusou-se. Nessa noite sua familia fôra toda ao cinema e ella ficara sósinha em casa. Triste nos seus pensamentos, a rapariga recolheu-se ao seu quarto, donde via o pateo da casa em que se enfileiravam os coradouros de roupa que sua mãe lavara durante o dia. De repente, sua attenção foi presa pelos movimentos de qualquer coisa que balouçava ao vento, na corda de roupa. Ah! era aquelle vestido finissimo que sua mãe lavara com todo o esmero de uma artista de barrela. Uma idéa!... E Molly correu ao varal, retirou o vestido de alvo e vaporoso e passou-o a ferro.

Mais tarde, quando ella se apresentou no baile, a sua belleza triumphou e ella viu a sua ventura coroada quando se sentiu docemente embalada nos braços do seu principe, na cadencia de uma valsa.

Terminada a contradança, o par se afastou para um recanto discreto, mas a figura da senhorita Manchester surgiu.

— E' de mais! — censurava ella cheia de altivez e desprezo. — Além de vir seduzir-me o noivo, vem mettida no meu proprio vestido!

E depois voltando-se para o Dr. Bryant intimou-o a abandonar a rapariga ou a considerar tudo rompido entre elles. Com grande desapontamento seu, a mulher viu o seu noivo acceitar o annel que ella lhe devolvia. Mas tarde Bryant conduziu Molly O' á casa, onde o velho O'Dair recebeu a filha disposto a applicar-lhe uma lição que a ensinaria para o resto da vida. Mas o joven medico arrebatou-a á furia paterna, dizendo-lhe que ella não podia mais voltar ao seu lar e, portanto, ia leval-a para a casa da tia delle, onde ella ficaria, até conhecel-o melhor e acceitar o pedido que naquelle momento elle formulava — a sua mão.

Esse conhecimento foi dispensado, como era natural, e dentro em breve Molly O' passava a chamar-se Molly Bryant. O acontecimento não deixou de causar certa sensação na sociedade, que achava extravagante o acto de Bryant, casando-se com a filha de humildes operarios. Quem, sobretudo, acompanhava o novo *menage* com attenção era Manchester, na esperança de reconquistar o terreno perdido no dia em que se désse a ruptura, o que não deixaria de acontecer. Para isso ella resolveu attrahir para a sua intimidade o joven Billy O'Dair, irmão de Molly O'.

Leviano e sem principios solidos de moral, o rapaz não tardou a se comprometter, contrahindo grande divida no jogo com Fred, irmão e comparsa de Manchester.

Para cobrir o debito elle falsificou a assignatura do cunhado num cheque. Pouco depois Bryant via-se constrangido a expulsar de casa o seu cunhado, que numa noite de festa, se embriagara provocando grande escandalo.

Esse incidente deu seriamente que pensar o joven medico: afinal fôra uma imprudencia sua levar o seu capricho por aquella moça até ao casamento, até unir-se a uma familia de baixa condição.

Expulso da casa de Bryant, Billy O'Dair acceitou o offerecimento de Miriam e foi residir com ella, deixando-se influenciar pela perversa mulher. Nesse momento, justamente, Fred inicia os passos para receber o cheque falso que o rapaz lhe havia entregue e tanto apertou e suggestionou que Billy para se libertar da divida e do perigo do estellionato, achou que o meio mais facil de resolver o caso seria roubar o proprio cunhado. E quando, penetrando pela janella procurava arrombar o cofre, sua irmã, julgando que o rumor era causado pela chegada do marido, desceu ao escriptorio e deparou com o horrivel espectaculo.

Uma troca de palavras anciosas e ella era informada da verdade.

— Mas por que não me procuraste, meu irmão?! — Eu podia auxiliar-te...

Molly foi a seu quarto e desceu

PARA TODOS...

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

| | |
|---|---|
| Um anno (Serie de 52 ns.) | 48$000 |
| " semestre (26 ns.) . . . | 25$000 |
| Estrangeiro (1 anno) . . . | 75$000 |
| Estrangeiro (semestre) . . | 40$000 |

PREÇO DA VENDA AVULSA

No Rio............ }
Nos Estados........ } 1$000

As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e só serão acceitas annual ou semestralmente. Toda a correspondencia, como toda a remessa de dinheiro, (que póde ser feita por vale postal ou carta registrada com valor declarado), deve ser dirigida á Sociedade Anonyma O MALHO — Rua do Ouvidor, 164. Endereço telegraphico: OMALHO—Rio. Telephones: Gerencia: Norte 5402; Escriptorio: Norte 5818. Annuncios: Norte 6131. Officinas: Villa 6247.

Succursal em S. Paulo. Rua Direita n. 7, sobrado. Tel. Cent. 5049. Caixa Postal Q.

trazendo todo o dinheiro que tinha, entregando-o ao rapaz.

— Agora vae, disse ella, levando-o para a janella por onde elle havia entrado e sob a qual Fred Manchester ficara de alcatéa.

Profundamente commovido, Tim antes de galgar a janella, murmurou-lhe o seu agradecimento apertando-a contra o peito num forte abraço.

O Dr. Bryant, que naquelle momento chegava, viu distinctamente desenhadas na janella a silhueta da mulher e do homem que se beijavam.

Bryant desceu do automovel e correu, certo de apanhar o individuo ao saltar a janella. E na verdade, quando ali chegou, viu um individuo a fugir; alcançou-o, agarrou-o pela gola e viu quem era — Fred Manchester.

Deixando-o entregue á vigilancia do criado, o medico entrou em casa. A esposa recebeu-o com alegria e elle perguntou-lhe se ella não recebera visitas.

— Não, ninguem, respondeu Molly, sem hesitar. Estive sósinha todo o tempo.

Confrontada com a sua supposta falta, Molly preferiu sacrificar-se a denunciar o desgraçado irmão, e, no dia seguinte, ella e os seus encontravam-se de novo no antigo bairro, a enfrentar o trabalho e a pobreza.

Molly tinha ainda por cumulo das suas penas o compromisso de saldar o resto da divida do irmão, visto que o dinheiro que possuia e entregara na noite aziaga não bastava. Isso serviu de pretexto a Fred para pôr em pratica os designios lubricos que alimentava a respeito da moça, e elle fez o irmão arrastal-a a um encontro, afim de assignar um letra sobre o restante da divida. Em caminho, porém, Billy descobriu a armadilha de Fred e voou á casa de Bryant pedindo-lhe auxilio para salvar Molly O' das garras do perfeito bandido.

O Dr. Bryant teve um grande sobresalto com a idéa de que sua esposa, que elle nunca deixara de adorar, corria perigo, obteve prestamente o auxilio de um seu camarada e instantes depois o aeroplano em que Fred se encontrava com Molly via approximar-se um outro, mais rapido e mais veloz do que elle.

E no dia seguinte a familia O'Dair voltava novamente para o outro extremo da cidade, e dessa vez para sempre.

---

## NÃO TE CASES POR DINHEIRO

*(Fim)*

em Smyrna, numa combinação de lua de mel e compras de tapetes — "dois negocios egualmente importantes". concluiu ella a sorrir.

Deu-lhe em seguida pormenores da viagem, onde havia incidentes como o de Afif bey, rico mercador turco de tapetes, por ciumes do qual



Hunt quizera matal-a. Oliver tambem tivera os seus incidentes naquelles dois annos.

Seu tio fallecera, deixando sua fortuna á moça que escolhera para esposa do sobrinho, na esperança de que o rapaz se casaria com o dinheiro. A elle legara apenas um pouco de dinheiro, o sufficiente para não morrer de fome. Mas esse dinheiro elle o depositara num banco, sem tocar num ceitil, e procurara trabalho e vivia do seu trabalho e sentia-se um homem feliz.

— Um homem feliz!... repetia elle, o homem que não era antes. Não, eu não era nem a metade de um homem. Tu o sabes, não minha querida?...

— Oh! não... não... murmurou Marcia, corando.

— Sim, tu o sabes, e foi por isso que me desprezaste, proseguiu Oliver com vehemencia. Mas a lição me serviu e agora eu desejo uma nova opportunidade, Marcia!

Marcia deu-lhe a opportunidade, mas com uma condição: iriam passar a lua de mel em Smyrna pois seu primeiro marido deixara os negocios ali complicados e era indispensavel a sua presença para assegurar o importante contracto commercial com Afif bey.

Mas a verdade não era só essa. Marcia desejava assegurar-se tambem da qualidade do homem que era Oliver; queria vel-o em prova. Casados, partiram para Smyrna, onde encontraram Afif bey. Marcia recordava-se da sua primeira viagem, da satisfação demonstrada por Hunt ante o effeito que a sua belleza causara aos turcos.

— Marcia, dissera-lhe elle, a representação dos tapetes é nossa se tu souberes volver os olhos para o turco.

Oliver era differente; chamara o turco de "canalha de estrangeiro", declarando ser capaz de mandal-o para o cemiterio, se elle continuasse a olhal-a com insistencia.

Logo após a chegada delles, Afif bey obsequiou-os com um jantar, ao qual Marcia compareceu intencionalmente seductora de graça e de belleza. O turco sentiu em toda a sua força a influencia que aquella mulher exercia sobre elle. Oliver assistia, mal podendo sopitar o seu furor, á cupidez que brilhava nos olhos do oriental a solicitude de cortezia blandiciosa com que elle cercava a sua esposa. Terminado o jantar, emquanto os convivas se installavam no *fumoir* Marcia sahiu para o jardim.

Um minuto após Afif bey ia encontral-a e approveitava-se da opportunidade para dar o salto decisivo. Mas Oliver, que trazia o espirito aguçado pelo ciume, percebeu a ausencia do turco e da esposa e um rugido lhe escapou do peito quando, ao assomar a porta que abria para o parque, pareceu-lhe ver a mulher nos braços do bey. Marcia não soube como, mas sabe que o marido a levou para o seu aposento. Ella viu-se encostada á parede com a ponta de uma faca ao peito.

— Não faça isso! implorou ella. Um inglez nunca se serve de uma faca... usa um revolver.

— Isso póde ser verdade com alguns homens, mas não commigo, vociferou Oliver. Tu me pertences e eu farei o que me approuver...

E desferindo o golpe na mulher, o cabo da faca escorregou-lhe na mão e a lamina rolou no chão. E como elle se abaixasse para apanhar a arma, Marcia precipitou-se para elle, enlaçando-o, e unindo o seu rosto afogueado pela emoção ao do marido.

— Escuta, meu querido, falou-lhe ella. Tudo isso foi arranjado. Sabia que Afif bey provocaria teu ciume.

mas não de tal maneira. Vi tambem que podias ter vontade de experimentar esta faca. Disse-te a mesma coisa que havia dito a Hunt, sobre o aviltamento em servir-se um *gentleman* de uma faca e elle suspendeu o gesto, atirando a arma para longe de si.

Eu queria saber se tu farias o mesmo... e desejava que não o fizesses. Queria saber se eras realmente o homem primitivo, forte e esplendido, ou um ser futil triste producto do meio.

Preparei esta faca, de modo que a lamina entrasse no cabo sob a pressão, porque, meu adorado, eu não desejava deixar-te o remorso de seres o assassino daquella que te ama e que tu amas, como eu o sinto.

Comprehendes agora tudo? terminou Marcia num murmurio de apaixonada meiguice. Oliver, que ouvira sem interrompel-a, replicou que sim, que comprehendia, mas o que não entendera e desejava esclarecer era a attitude de Afif bey, que razão tinha elle para se mostrar tão ousado com ella. Um sorriso cheio de ironia arregaçou o canto dos labios de Marcia.

— Creio que a ousadia de Afif provém do que elle ouviu de Jorge a meu respeito. Jorge acreditava purificar-me impondo-me a provocação de ouvir falar de coisas que me sangravam a alma... de minha mãe... do que ella fôra como mulher e como espirito... de mim mesma, da minha profissão de manequim... Tudo isso deixou no turco uma impressão sobre mim, que mais se accentuou, quando me viu voltar agora comtigo, que elle não acredita meu marido legitimo. Jorge lhe dera com a sua estupida leviandade, a esperança de conseguir um dia applacar o seu desejo...

— Deixaremos Smyrna hoje mesmo, decidiu Oliver, quando a esposa terminou.

E mais do que isso, minha querida, por amor da nossa felicidade, deixaremos para traz tambem tua mãe, sua philosophia, Jorge Hunt, Afif bey e todos os tapetes de Smyrna.

Deixaremos isso em troca do que é bom e sadio e forte — um lar tranquilo, onde dois corações cheios de confiança em si e na vida, encontrem na alegria dos filhos a eterna primavera do amor.

---

O contracto de Betty Compson com a Paramount termina agora e ninguem sabe até hoje se será renovado. Fala-se no casamento dessa *estrella* com Walter Morosco, filho do celebre emprezario do mesmo nome. Diz-se que varias outras emprezas offereceram vantagens a Betty.

☆ ☆ ☆

O noivado de Raymond Mc Kee e Marguerite Courtot foi officialmente annunciado.

# A' BOTA FLUMINENSE

Sapatos-alpercatas envernizados :

| | |
|---|---|
| Ns. 17 a 27 . . . . . . . . . . . | 8$000 |
| Ns. 28 a 33 . . . . . . . . . . . | 10$000 |
| Ns. 34 a 40 . . . . . . . . . . . | 12$000 |

Vaqueta, amarello ou preto, artigo forte :

| | |
|---|---|
| Ns. 17 a 27 . . . . . . . . . . . | 6$000 |
| Ns. 28 a 33 . . . . . . . . . . . | 7$000 |
| Ns. 34 a 41 . . . . . . . . . . . | 8$000 |

Pelo correio mais 1$500 por par.

**Alberto Antonio de Araujo**

**Rua Marechal Floriano, 109**

*Canto da Avenida Passos 123 — Rio*

A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DE ELECTRICIDADE

# Tenha pena de sua esposa e de seus filhos

# TOME O ELIXIR "914"

Em cada 10 nascimentos, 9 creanças nascem mortas, quando os paes são syphiliticos. Evita-se a mortandade tomando o ELIXIR "914". 95 °|° dos abortos provêm da syphilis. O ELIXIR "914" evita os abortos. De cada 100 individuos com syphilis 90 estão propensos á tuberculose. O ELIXIR "914" é um tonico poderoso contra essa terrivel molestia. Tratar a syphilis sem injecções e sem atacar o estomago é o tratamento ideal. E isso só se consegue usando o ELIXIR "914". O ELIXIR "914" é usado nos hospitaes e receitado pelos grandes especialistas em syphilis. Não ataca o estomago, não contém iodureto. Agradavel como um licor.

ENCONTRA-SE EM TODA PARTE

AS
DORES
DE
DENTES
E
INSOMNIAS
SÃO COMBATIDAS
EFFICAZMENTE
Pela

# ASCIATINE

EM COMPRIMIDOS

Tomar 2 ou 3 comprimidos n'um gole d'agua

CIA. CHIMICA RHODIA BRASILEIRA
São Bernardo (São Paulo)

Off. graphica d'O MALHO